



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Marise Hosomi Spitzack

Trajetória biográfica e escolha profissional – um olhar da Psicologia Analítica

SÃO PAULO

2025

Marise Hosomi Spitzack

Trajetória biográfica e escolha profissional – um olhar da Psicologia Analítica

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia sob orientação da Prof. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai.

SÃO PAULO

2025

Agradecimentos

Ao Heiko, minha melhor escolha.

Ao Otto, um presente da vida, que começa a abrir seus próprios caminhos.

Aos meus pais, por ensinarem que os estudos e o trabalho abririam os meus.

À Maria Cristina Gattai, pela orientação e confiança.

À Duda e à Priscila, pelo encontro que me abre horizontes.

À Mônica, pelo entusiasmo com a profissão e com a vida.

À Mariana, por cismar de sermos amigas numa aula de psicopatologia.

Ao Fabio e à Mel, que nossos filhos possam servir ao Rei, e saber a que Rei estão servindo.

Aos colegas da PUC que generosamente compartilharam seus relatos biográficos – a alma deste trabalho.

“O que eu acho é que uma vida boa é uma jornada heroica após a outra. Repetidamente, você é chamado para o reino da aventura, para novos horizontes. A cada vez, o mesmo problema se apresenta: eu ousar? E se você ousa, os perigos estão lá, e a ajuda também, e a realização ou o fiasco. Sempre existe a possibilidade de um fiasco.

Mas também há a possibilidade de felicidade”.

Joseph Campbell

SPITZECK, M. H. **Trajetória biográfica e escolha profissional – um olhar da Psicologia Analítica**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas de Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai

RESUMO

Do relato de C.G. Jung sobre seus anos escolares e seu processo de escolha profissional pela Medicina, descritos em sua biografia 'Memórias, Sonhos, Reflexões', é possível extrair categorias de análise relevantes até hoje em processos de orientação profissional. Tendo essa narrativa como ponto de partida, esta pesquisa analisou relatos de trajetórias de vida de alunos de graduação da PUC/SP, para identificar experiências subjetivas por eles simbolicamente vivenciadas, que influenciaram suas escolhas profissionais. Para tanto, foram analisados dados qualitativos coletados por meio de um questionário online e de uma entrevista semiestruturada com estes alunos. Os relatos foram analisados para identificação de expressões simbólicas em suas trajetórias, em especial daquelas relacionadas às possibilidades e limites que se colocaram na escolha profissional a partir de certos marcos biográficos, e discutidos a partir de subsídios teóricos da Psicologia Analítica. De forma geral, concluiu-se que a escolha profissional se coloca, no contexto das tarefas da adolescência, como uma decisão que põe em jogo questões existenciais, como a própria subsistência, as relações familiares, o lugar social e a realização pessoal do sujeito da escolha. Os resultados permitiram compreender a escolha profissional como um marco simbólico na constituição da identidade e no processo de individuação do sujeito da escolha e, assim, oferecer contribuições à atuação dos psicólogos em processos de orientação profissional.

Palavras-chave: escolha profissional; trajetória biográfica; experiência simbólica; psicologia analítica; Jung

ABSTRACT

From C.G. Jung's account of his school years and his process of choosing a career in Medicine, described in his biography 'Memoirs, Dreams, Reflections', it is possible to extract categories of analysis that are still relevant today in career guidance processes. Taking this narrative as a starting point, this research analyzed accounts of life trajectories of undergraduate students at PUC/SP, to identify subjective experiences symbolically experienced by them, which influenced their career choices. To this end, qualitative data collected through an online questionnaire and a semi-structured interview with these students were analyzed. The accounts were analyzed to identify symbolic expressions in their trajectories, especially those related to the possibilities and limits that impacted the professional choice, based on certain biographical milestones, and discussed based on theoretical subsidies from Analytical Psychology. In general, it concluded that professional choice is a decision that involves existential issues, such as one's own subsistence, family relationships, social status and personal fulfillment, in the context of adolescence tasks. The results allow to understand professional choice as a symbolic milestone in the constitution of identity and in the process of individuation of the subject of the choice and, thus, offer contributions to the work of psychologists in professional guidance processes.

Keywords: professional choice; biographic path; symbolic experience; analytical psychology; Jung

ÍNDICE

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	2
3	CONTEXTO HISTÓRICO E ABORDAGENS TEÓRICAS.....	3
3.1	Contexto histórico.....	3
3.2	Principais influências teóricas.....	5
3.3	Orientação Profissional no Brasil.....	6
4	CONCEITO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	9
5	ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL AMPLIADA PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA	11
5.1	Orientação profissional e adolescência	11
5.2	Escolha profissional como rito de passagem.....	12
5.3	Tarefas da adolescência e escolha profissional	13
5.3.1	Amadurecimento do ego e separação dos pais	13
5.3.2	Confronto com a sombra.....	15
5.3.3	Relação com a persona.....	17
5.3.4	Reconhecimento do chamado.....	18
5.3.5	O processo de individuação e o retorno ao coletivo.....	19
6	MÉTODO.....	22
6.1	O Processamento Simbólico-Arquetípico como método de pesquisa	22
6.2	Participantes	23
6.3	Procedimentos.....	23
7	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
7.1	Apresentação geral dos resultados	25
7.2	Discussão dos resultados	26
7.2.1	Amadurecimento do ego e separação dos pais	26
7.2.1.1	<i>Eduardo: “Do pai ao eu – um caminho do legado à autenticidade”</i>	27
7.2.1.2	<i>Natália: “O mundo além do portão”</i>	29
7.2.1.3	<i>Isabel: “A vida não vivida dos pais”</i>	30
7.2.2	Confronto com a sombra.....	31
	<i>Humberto: “Do desencanto ao propósito – a ressignificação do trabalho”</i>	31
7.2.3	Relação com a persona.....	34
7.2.3.1	<i>Isabel: “Ideais X idealização de carreira”</i>	34
7.2.3.2	<i>Michele*: “A Santíssima Trindade e a construção da própria voz”</i>	35

7.2.4	Reconhecimento do chamado.....	38
	<i>Bruna* e Beatriz*: “Escolha profissional como caminho de reparação”</i>	38
7.2.5	Processo de individuação	40
	<i>Natália: “O despertar da consciência”</i>	40
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICES	45
	Apêndice 1. Questionário (apresentado por meio do <i>Google Forms</i>).....	45
	Apêndice 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada	48
	Apêndice 3 – TCLE – Versão questionário online.....	50
	Apêndice 4 – TCLE – Versão entrevista	52
	Apêndice 5 – Resumo dos relatos biográficos	54

1 INTRODUÇÃO

“O garoto se interessa por tudo, mas não sabe o que quer”. Essa frase, que poderia ter sido dita hoje por pais de qualquer família com filhos em processo de escolha profissional, foi dita também no final do século XIX pelo pai de C.G. Jung, segundo nos conta o próprio Jung em ‘Memórias, Sonhos, Reflexões’ (Jung, 2019, p. 99).

O relato de Jung sobre sua escolha pela Medicina coloca em cena diversos elementos comuns no processo de escolha profissional, como a necessidade de autorreflexão sobre interesses e aptidões pessoais, as influências positivas e negativas da família e as possibilidades e limites colocados pelo meio social.

Especialmente em relação a esse último elemento, nos chama atenção a passagem em que Jung relata que, com base em seus interesses pessoais, cogitou estudar Arqueologia, mas não o fez, pois “meus recursos só permitiam que estudasse em Basileia, onde não havia sequer professores para isso” (Jung, 2019, p. 99). Ponderando a oferta de cursos em sua cidade natal, dentre outros fatores, Jung decide-se pela Medicina, apesar de ter sido “preciso então enfrentar o penoso problema de arranjar o dinheiro para os estudos [já que] meu pai podia fornecê-lo apenas em parte”. A questão é resolvida por meio da concessão de uma bolsa de estudos pela Universidade da Basileia a Jung, recebida, segundo o próprio, não sem um quê de vergonha, por razões que elabora na biografia (Jung, 2019, p. 100).

De outro lado, Jung tinha referências na família que o aproximaram do caminho profissional que escolheu para si. O bisavô foi médico na Alemanha e o avô na Suíça, tendo este, inclusive, se tornado uma figura de destaque nos quadros da universidade mais tarde frequentada por Jung. Um relatório da época dá conta, inclusive, da participação do avô na criação de um hospital psiquiátrico, não como “um asilo de alienados do gênero habitual (...) mas sim um estabelecimento que receba toda espécie de doentes e cuja cura deva ser tratada por meios psíquicos” (Jung, 2019, p. 393). Essa visão, avançada para a época, rendeu frutos e tornou-se, décadas mais tarde, um campo fértil para o neto.

E esse é o fio vermelho que conduz esta pesquisa, a qual olha para as trajetórias de vida e para as experiências subjetivas nelas simbolicamente vividas, buscando compreender como influenciam as escolhas profissionais individuais.

2 OBJETIVOS

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar como as trajetórias biográficas e as experiências subjetivas nelas simbolicamente vivenciadas influenciam o processo de escolha profissional, a partir do referencial teórico da Psicologia Analítica.

Por objetivos específicos, busca investigar como eventos significativos da biografia individual contribuem para a construção das projeções profissionais e, conseqüentemente, para a escolha de carreira e compreender o sentido simbólico dessa escolha, contribuindo com o processo de Orientação Profissional (OP).

Para tanto, na fundamentação teórica, apresenta o histórico e os principais subsídios que deram suporte ao desenvolvimento da OP, enquanto campo de conhecimento e prática, desde a sua criação a partir de nações em processo de expansão industrial até os dias atuais; em seguida, aborda diferentes conceitos de OP e articula conceitos do referencial teórico da Psicologia Analítica, selecionados a partir de dois recortes: o processo de OP propriamente dito e a escolha profissional no contexto da adolescência e entrada na vida adulta, período em que, via de regra, ocorre a escolha profissional. Na sequência, apresenta os procedimentos e o método adotados para coleta e análise de dados. Por fim, apresenta e discute tais dados, articulando-os com os subsídios teóricos e apresenta as considerações finais sobre a pesquisa.

3 CONTEXTO HISTÓRICO E ABORDAGENS TEÓRICAS

Para compreender a OP enquanto campo de conhecimento e prática no Brasil é importante situá-la no contexto histórico no qual se desenvolveu. Traçar esse percurso permite rever não apenas os fatos e forças históricas que atuaram no seu estabelecimento em seus países de origem e os movimentos que influenciaram sua propagação, mas também as condições e contradições de sua assimilação inicial em outros países, como o Brasil, e os movimentos posteriores de reflexão crítica que permitiram sua adaptação a realidades locais específicas.

A partir dessa contextualização, são discutidos os conceitos de OP, a partir dos múltiplos elementos que a integram e, em especial, daqueles que contribuem para a construção de um conceito de OP que dialoga com as demandas do campo no Brasil.

Por fim, são explorados os aspectos teóricos da Psicologia Analítica que dialogam com a produção de conhecimento e a prática na OP e colaboram na construção de uma OP pensada a partir da realidade brasileira.

3.1 Contexto histórico

A OP se estabelece como campo de atuação no contexto do capitalismo industrial e da consolidação de novos modos de produção que marcaram o início do Séc. XX.

Ao buscar formas de aumentar a eficiência industrial, esses novos modos de produção transformaram radicalmente a noção de trabalho, separando o trabalho intelectual (planejamento) do trabalho manual (execução), fragmentando-o em tarefas especializadas, que passaram a constituir, cada qual, um posto de trabalho em si, padronizando a sequência e o ritmo de trabalho e atrelando a remuneração do trabalhador à sua produtividade individual (Cattani, 1997).

Esse sistema de organização tornou-se paradigma universal. De um lado, atingiu os fins aos quais se propunha, aumentando a produção e reduzindo custos, permitindo a formação de um mercado de consumo acessível também a trabalhadores assalariados. De outro, alterou radicalmente a concepção e a valoração do trabalho, que se reestruturou em torno de atividades repetitivas e alienadas entre si, distanciando-o de um todo dotado de sentido (Cattani, 1997).

Assim sendo, a OP se estrutura a partir de demandas próprias dos países centrais no processo de industrialização, na Europa e Estados Unidos.

Um marco neste processo é a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional em Munique, Alemanha, em 1902, visando a seleção de trabalhadores inaptos para determinadas funções, como modo de prevenção de acidentes de trabalho (Sparta, 2003). Esta primeira iniciativa, entretanto, se aproximaria mais do que veio a se tornar o campo da saúde e segurança do trabalho, do que da OP propriamente dita, por lhe faltarem certos elementos, adicionados posteriormente por sua contraparte norte-americana.

Em 1907, é inaugurado o Centro de Orientação Profissional de Boston, EUA, sob orientação de Frank Parsons, pioneiro na introdução à OP de ideias da Psicologia e da Pedagogia e da preocupação com a escolha profissional de jovens (Sparta, 2003). A atuação de Parsons foi fortemente marcada por sua própria trajetória profissional, traçada em um contexto de alto crescimento econômico e tecnológico e de acirramento das discrepâncias sociais. Parsons atuou como engenheiro civil na ferrovia de Boston, de onde foi demitido em consequência de uma crise econômica, e trabalhou temporariamente como operário, antes de se tornar professor e se envolver em movimentos progressistas que propunham reformas econômicas e sociais (Ribeiro; Uvaldo, 2007). A partir de reflexões nestes movimentos, Parsons institucionaliza a preparação de jovens para a transição entre a escola e o mercado de trabalho, como ação para geração de mudanças sociais significativas (O'Brien, 2001, *apud* Ribeiro; Uvaldo, 2007), propondo um método sistematizado de trabalho para a OP, baseado em três passos: a análise das características dos indivíduos, a análise das características das ocupações e o cruzamento destas informações, sedimentando a promoção do autoconhecimento e o fornecimento de informações como bases da OP (Sparta, 2003).

Com o aprimoramento dos testes de aferição de inteligência, aptidões, habilidades, interesses e personalidade, amplamente utilizados na seleção de pessoal na Primeira (e, posteriormente, na Segunda) Guerra Mundial, a psicometria se consolida como disciplina nas décadas de 1920 e 1930 e influencia a OP (Sparta, 2003), subsidiando a criação de um modelo teórico e fornecendo ferramentas para a identificação do 'homem certo para o lugar certo', no que veio a ser conhecido como Teoria do Traço e Fator. Este modelo, baseado em testes vocacionais que revelariam o ajustamento ideal entre capacidades inatas dos indivíduos e categorias de ocupação

laboral, embora hoje ultrapassado, ainda ressoam no imaginário social quando o assunto é OP (Bock, 2006).

3.2 Principais influências teóricas

Nos anos 1940, o caráter diretivo assumido pela OP baseada na perspectiva psicométrica começou a ser questionado, abrindo espaço para novas perspectivas nas décadas seguintes. Nos anos 1950, a OP foi influenciada por teorias psicológicas desenvolvimentistas, como a Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Ginzberg e outros (segundo a qual a escolha profissional não é um evento pontual em um momento determinado da vida, mas um processo evolutivo que ocorre entre o fim da infância e o início da idade adulta) e a Teoria do Desenvolvimento Vocacional, de Donald Super (segundo a qual a escolha profissional é um processo que ocorre ao longo da vida, através de diferentes estágios de maturidade vocacional e da realização de tarefas evolutivas). Nos anos 1960, ganham força a Teoria Tipológica, de John Holland (segundo a qual os interesses profissionais refletem traços de personalidade do indivíduo) e, mais importante para os fins desta pesquisa, as teorias psicodinâmicas (Sparta, 2003).

A introdução de teorias psicodinâmicas em OP ganha força a partir das ideias de Carl Rogers, nos Estados Unidos, e da retomada das ideias de Freud, na Europa (Abade, 2005), abrindo espaço para a transição de uma perspectiva psicométrica para uma perspectiva clínica, em que se acrescenta ao processo o enfoque da realização pessoal como elemento na escolha profissional e, neste sentido, a necessidade de autoconhecimento e de reconhecimento de padrões inconscientes pelo sujeito da escolha.

Dentre as teorias psicodinâmicas, destaca-se aqui a do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky, que influenciou fortemente a OP no Brasil a partir dos anos 1970, abrindo caminho para a adoção de novos referenciais teóricos e para a aproximação de uma OP pensada para e a partir da realidade local no Brasil, por uma Psicologia que se via aqui, nesta época, recentemente reconhecida e regulamentada como campo independente de produção de conhecimento e atuação profissional.

3.3 Orientação Profissional no Brasil

A influência das produções europeias e norte-americanas se mostra de forma clara no estabelecimento da OP no Brasil, especialmente até os anos 1970.

O marco inicial da OP no Brasil se dá com a criação, em 1924, do Serviço de Seleção e Orientação Profissional do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, então um dos principais centros de formação de mão de obra técnica qualificada do país. Outra iniciativa similar foi a criação, em 1930, do Serviço de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro Sorocabana. Ambas as iniciativas foram organizadas a convite pelo engenheiro suíço Robert Mange, visando a formação de engenheiros mecânicos e outros profissionais demandados na transição de uma econômica agrária para uma de base industrial (Abade, 2005).

Note-se que a ferrovia era o grande vetor de inovação tecnológica e de desenvolvimento econômico da época, o que ilustra a relação direta entre estes fatores e a concepção de novos campos profissionais, que se observa até hoje.

Nas décadas de 1930 e 1940, a OP segue se desenvolvendo sob a lógica da administração científica da produção e do trabalho. Mange, inclusive, é um dos criadores do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), de 1931, que visava centralizar as discussões do projeto industrial e da educação profissional no Brasil e que deu origem ao que hoje é o Serviço Nacional da Indústria - SENAI (SENAI, 2024).

Neste contexto, a contribuição da Psicologia consistia essencialmente no oferecimento de fundamentos psicométricos de avaliação, os quais, aplicados isoladamente, ou seja, sem a consideração de fatores familiares, educacionais e sociais, sustentaram a ideia da existência de aptidões e inaptidões individuais inatas, que justificariam ou não o acesso à formação profissional e ao mundo do trabalho qualificado.

Em 1947, a OP se consolida como campo próprio, ligado à Psicologia Aplicada, com a fundação do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), vinculado à então recém criada Fundação Getúlio Vargas (FGV). O ISOP tinha, dentre seus objetivos, desenvolver métodos e técnicas da Psicologia Aplicada ao trabalho e educação e formar novos especialistas em OP (Sparta, 2003). Orientada pela perspectiva psicométrica, dominante à época, a atuação do ISOP atendeu assim às

demandas da classe média alta, orientando a futura elite dirigente (Abade, 2005), tanto no serviço público quanto no setor privado.

A década de 1960 é marcada pela consolidação da sociedade urbano-industrial e pelo aumento da procura por cursos universitários e, conseqüentemente, pelos serviços de OP. Em 1962, a Psicologia é regulamentada como curso de formação e profissão, com base em lei de cujo projeto participaram profissionais ligados ao ISOP (Silva Baptista, 2010). A regulamentação dos cursos e a organização de currículos mínimos permitiram uma aproximação entre a Psicologia Aplicada às Relações de Trabalho, a Psicologia Clínica e a Psicologia Social, abrindo um espaço salutar para conflitos, reflexões e construção de novos paradigmas.

Neste contexto de questionamentos e busca de alternativas à Teoria Traço e Fator, a Estratégia Clínica de Orientação Vocacional, proposta pelo psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky nos anos 1970, encontrou repercussão no Brasil, tendo sido adotada como base teórica pela disciplina de Seleção e Orientação Profissional do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), através da Prof. Maria Margarida de Carvalho. Além da introdução de Bohoslavsky, Carvalho idealizou também a utilização de técnicas grupais em OP, o que não apenas atendeu a uma demanda de aumento do acesso de orientandos aos serviços de OP, mas também repercutiu no processo de aprendizagem da escolha (Sparta, 2003).

Um segundo movimento que contribuiu para o desenvolvimento de um caminho brasileiro na OP se deu a partir das críticas da Psicologia Social a fundamentos da perspectiva psicométrica e da Teoria Traço e Fator, como a suposta dicotomia entre indivíduo e sociedade e a ideia de vocação e interesse inatos. Na ótica tradicional, a individualização da responsabilidade pela eventual falta de aptidão ou desinteresse diagnosticados no processo de OP justificaria o insucesso profissional de muitos, escondendo a realidade das disparidades sociais (Bock, 2006). A partir desta crítica, abre-se o caminho para novos modelos de OP, que se fundamentam na escolha como um processo subjetiva e socialmente multideterminado.

Nos anos 1990, ganham força iniciativas de mobilização dos profissionais atuantes na área de OP, com a criação de associações, como a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP), hoje denominada Associação Brasileira de Orientação Profissional e de Carreira (ABRAOPC), onde são discutidas questões relevantes, como os requisitos de formação e atuação de orientadores profissionais. Um tema recorrente na atualidade diz respeito à qualificação profissional exigida para

a atuação na área de OP, hoje exercida principalmente por psicólogos e pedagogos, mas aberta a pessoas sem qualquer formação específica na área.

Por fim, um levantamento sobre a atuação de psicólogos na área da OP identifica a prevalência da adoção do referencial teórico psicanalítico, com destaque para a Estratégia Clínica de Bohoslavsky, seguida dos referenciais sócio-histórico, psicopedagógico e psicodramático. Temas predominantes incluem o autoconhecimento ou a percepção de si mesmo, a escolha, a informação sobre as profissões ou a percepção da realidade e o mundo do trabalho (Melo-Silva, 2003).

Neste contexto, são analisadas, a seguir, as contribuições do referencial teórico da Psicologia Analítica ao campo da OP.

4 CONCEITO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

São diversos os conceitos de OP, assim como os são as diferentes abordagens e autores que dela se ocupam, mesmo quando se considera apenas o campo da Psicologia, excluindo-se outras disciplinas que também tem a OP como objeto, como a Economia e a Sociologia.

Para este trabalho, interessa menos elencar conceitos e mais conhecer seus elementos centrais, identificando aproximações, divergências e complementariedades, na busca daqueles que seriam relevantes a uma concepção da OP à luz da Psicologia Analítica.

Um elemento comum que aproxima diferentes conceitos é a ideia de processo. Neste sentido, a OP consiste na condução do sujeito da escolha de um ponto inicial de indecisão acerca de sua identidade profissional para um ponto final de decisão, por meio de um conjunto de ações encadeadas (Bock, 2006).

Nas teorias tradicionais, este processo tem por base a escolha da profissão a partir da correspondência entre características pessoais do orientando (traços) e aptidões específicas que seriam intrínsecas a cada profissão (fatores). Assim, a OP seria o processo que permite a identificação dos traços do sujeito da escolha e o recebimento de informações por este acerca dos fatores inerentes a cada profissão, visando a correspondência mais adequada entre estes traços e fatores. Neste processo, a atuação do orientador se dá de forma mais técnica e prescritiva.

Já a Estratégia Clínica de Bohoslavsky (Bohoslavsky, 1993), de referencial psicanalítico, inova no campo da OP ao trazer a subjetividade do orientando à discussão, por entender que a escolha profissional é uma decisão não apenas racional, baseada em habilidades ou interesses manifestos, mas que sofre também a influência de aspectos inconscientes, ligados à história de vida, desejos e conflitos do indivíduo. Aqui, a OP é conceituada em dois passos. O primeiro, a orientação vocacional, são “os procedimentos dos psicólogos especializados, cujos clientes são as pessoas que enfrentam, em determinado momento de sua vida – em geral a passagem de um ciclo educativo a outro – a possibilidade e a necessidade de tomar decisões” (Bohoslavsky, 1993, p. 28). e a orientação vocacional, na modalidade clínica, seu campo específico, é a “colaboração não diretiva com o cliente, no sentido de restituir-lhe uma identidade e/ou promover o estabelecimento de uma imagem não conflitiva de sua identidade profissional” (*ibid*, p. 32). A Estratégia Clínica se apoia no conceito de reparação de Melanie Klein e postula que uma escolha de carreira autêntica é a resposta

de um ego forte a um objeto interior danificado, podendo esta escolha ser prejudicada por pseudo-reparações, de natureza maníaca, melancólica ou compulsiva. O papel do orientador é compreender a conduta do orientando e facilitar a ele o acesso à sua própria compreensão. Bohoslavsky (1993) ressalta, ainda, que a atuação profissional do orientador é ela própria também afetada pela busca de reparação de um objeto interior danificado, daí a importância de autoconhecimento por parte do orientador.

Outra mudança de paradigma se deu através da leitura sócio-histórica do processo de OP. Essa leitura, que tem o psicólogo brasileiro Silvio Bock como uma de suas referências, se baseia nos pressupostos da psicologia sócio-histórica, influenciados pelas ideias de Vygotsky, e enfatiza a importância do contexto social, histórico e cultural na formação da identidade e na escolha profissional. Diferentemente das teorias tradicionais, que focam no indivíduo de forma mais isolada, na OP ampliada pela teoria sócio-histórica, o indivíduo é visto como um ser social, cuja identidade e escolhas afetam e são afetadas pelas relações sociais, condições materiais e estruturas de poder (Bock, 2006). Assim, fatores como classe social, raça e gênero – na medida em que afetam diretamente o acesso à educação e ao mercado de trabalho – influenciam e não podem ser desconsiderados no processo de OP.

Essas contribuições ampliaram o espectro de atuação do campo da OP ao introduzir a dimensão inconsciente e ao destacar a relação dialética da escolha individual com a realidade coletiva e social de quem escolhe.

Neste sentido, vê-se como a Psicologia Analítica, com seus pressupostos de conciliação das polaridades mundo interno/mundo externo e indivíduo/sociedade, entre outros, contribui para o aprofundamento do processo de OP.

5 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL AMPLIADA PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A referência mais recorrente ao uso de conceitos da Psicologia Analítica na OP diz respeito à aplicação dos ‘Tipos Psicológicos’ de Jung para fins de avaliação geral da disposição psíquica do orientando (Gimenez, 2009). Essa ideia, por mais rica e produtiva que possa ser, acabou por inspirar – e ser deturpada por – uma série de testes rápidos que prometem mapear o perfil psicológico do orientando e servir como preditor de preferências e comportamentos e, conseqüentemente, de mediador da escolha profissional, em uma aproximação da Teoria do Traço e Fator.

Isso reforça a importância de uma análise mais aprofundada do arcabouço teórico da Psicologia Analítica, de modo a evidenciar as relações entre seus pressupostos e as demandas de um processo criterioso de OP.

Os estudos específicos sobre a OP a partir da perspectiva da Psicologia Analítica ainda são relativamente escassos, mas apresentam contribuições significativas para a compreensão do tema. Dentre eles, destacam-se os conduzidos pelas psicólogas brasileiras Ivelise Fortim e Patrícia Gimenez, que abordam temas como escolha e vocação (Spacaquerche; Fortim, 2022) e adolescência (Gimenez, 2009).

Este trabalho se fundamenta, onde devidamente citado, nas obras de Ivelise Fortim (2022) e Patrícia Gimenez (2009), no que diz respeito à OP à luz da Psicologia Analítica, bem como na de Richard Frankel (2021), no que diz respeito a aspectos da psique adolescente, além de interpretações da própria pesquisadora com base nos relatos biográficos de alunos entrevistados sobre suas escolhas profissionais, coletados por meio de entrevistas individuais.

5.1 Orientação profissional e adolescência

Tendo em vista que a escolha profissional se dá, via de regra, durante a adolescência, fase caracterizada por intensas transformações psíquicas e sociais, típicas da transição para a vida adulta, propõe-se neste trabalho a análise de elementos da Psicologia Analítica que se articulam com essa fase do processo de individuação e seus reflexos no processo de escolha profissional. A consideração desses elementos pode oferecer subsídios teóricos e práticos relevantes para a condução de trabalhos em OP mais integrados.

Gimenez (2009) apresenta a escolha profissional como um processo de integração de polaridades, no qual o adolescente é confrontado com uma questão de natureza existencial. Este confronto demanda a conciliação entre duas polaridades: sua realidade interna (com seus desejos, medos e fantasias) e a realidade externa (representada pelas expectativas familiares e sociais, exigências do mercado de trabalho, opções educacionais disponíveis e condições socioeconômicas). Lidar com esse confronto implica um exercício significativo de elaboração psíquica, que demanda do adolescente a construção de uma síntese dialética entre essas polaridades, em busca de uma totalidade. Esta tarefa representa uma oportunidade para a formação da identidade, oportunidade esta que pode ser melhor aproveitada através de um trabalho reflexivo em torno da escolha profissional.

5.2 Escolha profissional como rito de passagem

Frankel (2021) faz referência à adolescência como um estado de devir, no qual as potencialidades arquetípicas e suas representações do inconsciente coletivo encontram-se em processo de gestação, aptas a emergir no campo da consciência.

Esse autor caracteriza a adolescência como uma fase liminar, situada entre o término da infância e o ingresso na vida adulta, em que o indivíduo é convocado a confrontar conteúdos inconscientes e a iniciar a integração de aspectos latentes da psique, no caminho de individuação, em direção ao *self*. Ele aponta que essa transição pode ser vivida como uma ameaça pelo ego em formação, que se vê enredado em um tríplice desafio: despedir-se das fantasias infantis de segurança absoluta e onipotência; atender a novas exigências e expectativas coletivas, desempenhando papéis sociais pré-estabelecidos para futuros membros da comunidade; ao mesmo tempo em que busca reconhecer e atender aos chamados do *self* (Frankel, 2021).

Mircea Eliade (1989, *apud* Gimenez 2009) destaca a importância de rituais simbólicos em culturas tradicionais, que visam dar contorno e contexto a esta passagem, dotando-a de significado para o jovem que a trilha. Porém, com a perda progressiva destes rituais na cultura ocidental contemporânea, esta transição ocorre hoje de forma mais abrupta e desestruturada.

Neste sentido, a escolha profissional opera em nossa sociedade como um ritual de passagem secular. Segundo Gimenez (2009), o ritual constitui um cenário, no qual se insere a experiência do sacrifício, no caso, a renúncia das múltiplas possibilidades do poder-ser, próprias do estado de devir, em prol de uma única escolha. Esse cenário permite uma vivência protegida, cujo propósito é favorecer a passagem do indivíduo de um estágio a outro e reinseri-lo dentro da sociedade após essa transformação.

5.3 Tarefas da adolescência e escolha profissional

Assim, considerando-se que a escolha profissional se dá, via de regra, na transição da adolescência para a vida adulta, fase crucial de amadurecimento psicológico e preparação para (re)inserção social do sujeito da escolha, este evento adquire o status de marco estruturante na trajetória biográfica individual.

Neste estudo, propõe-se uma análise das tarefas que se colocam ao indivíduo nessa fase, a partir das contribuições da Psicologia Analítica, com o objetivo de compreender de que maneira essas exigências se articulam com o momento da escolha profissional.

Como destaca Frankel (2021), Jung pouco tratou direta ou explicitamente do tema adolescência. Porém, muitos de seus construtos, como o ego, a persona, a sombra, a abordagem teleológica dos fenômenos psicológicos, a concepção de autorregulação da psique e o processo de individuação, servirão como norte nesta análise.

5.3.1 Amadurecimento do ego e separação dos pais

A relação entre pais e filhos é, por natureza, íntima e complexa. Tão complexa que o próprio Jung trata do tema de forma ambígua ao abordar essa relação, enfatizando, de um lado, a singularidade da configuração psicológica da criança e sua capacidade de manter uma individualidade diante das influências sociais e ambientais e, de outro, destacando a suscetibilidade da criança à vida inconsciente dos pais (Frankel, 2021).

A convivência entre esses opostos, no mais das vezes conturbada, torna-se mais turbulenta na adolescência, fase marcada pelo amadurecimento do ego do sujeito adolescente e do

consequente movimento de separação e diferenciação dos pais, tanto em sua dimensão pessoal quanto arquetípica.

Jung descreve o ego como o centro da consciência, que não é inato, mas constituído ao longo da vida, destacando a interação de forças internas e externas na sua constituição:

“O ‘eu’ como sujeito da consciência, é uma grandeza complexa, encontrada a modo de algo já existente no decurso do desenvolvimento; é constituída, em parte, das **disposições herdadas (os constituintes do caráter)** e, de outra parte, das **impressões adquiridas inconscientemente**, bem como de suas manifestações subsequentes”. (Jung, Obra Completa, vol. 17, §169) (grifos nossos).

Ao tratar sobre a escolha na adolescência, Gimenez (2009) retoma a obra de Kiepenheuer, autor junguiano suíço, que equipara a adolescência a um segundo nascimento em relação ao contexto familiar, no qual a barriga da mãe se torna pequena, o nascituro precisa sair e a mãe tem que ajudar, expulsando-o. Este movimento de saída e expulsão ilustra a tensão da adolescência, em que as fronteiras entre a necessidade interna e a pressão externa para a saída, em direção à autonomia e novas conquistas, são difíceis de reconhecer. Este momento de passagem, em que o adolescente já não pertence ao mundo familiar da sua infância e ainda não conquistou seu lugar no mundo desconhecido à sua frente, afeta as relações entre pais e filhos. O adolescente, de um lado, necessita do amor materno, e, de outro, pode vivenciá-lo como perigoso e devorador, e, ao mesmo tempo em que procura ativamente pelo pai, teme e luta contra ele. Para o adolescente, esta oscilação entre opostos é vivida como um conflito interior. Dos pais, comumente adentrando a segunda metade da vida nesta época, é exigida a adoção de uma nova postura no exercício de seus papéis, ao mesmo tempo em que a experiência da adolescência dos filhos, os fazem reviver a sua própria adolescência. Desta forma, a adolescência do filho não ocorre de forma isolada, e apresenta tarefas complexas não apenas ao próprio adolescente, mas a cada membro do grupo familiar (Gimenez, 2009).

E é nessa fase da vida, nesse contexto, que, geralmente, se dá a primeira escolha profissional.

Como ilustram os relatos biográficos que serão analisados a seguir nesta pesquisa, nesse embate de forças, é frequente que o adolescente refreado em sua busca de autonomia, manifeste raiva e ressentimento em relação à atitude dos pais, adotando em resposta uma postura oposta aos

valores e desejos parentais. Um exemplo desta situação em processos de OP é a rejeição dos estudos em geral ou de determinada carreira pelo adolescente justamente por perceber que essa é a principal expectativa que os pais colocam sobre si. Paradoxalmente, essa oposição, ao invés de representar uma verdadeira separação, pode configurar uma forma de vínculo negativo, mantendo o jovem psicologicamente atado aos pais. O reconhecimento dessa dinâmica é importante no processo de OP, para que se possa promover escolhas mais conscientes e alinhadas com a individualidade do adolescente.

5.3.2 Confronto com a sombra

Na compreensão da adolescência como uma fase crucial do processo de individuação, marcada pelo início do confronto com conteúdos inconscientes e de sua integração na consciência, outra tarefa que se coloca é a integração de conteúdos da sombra.

A sombra, segundo Jung:

A sombra **personifica o que o indivíduo recusa conhecer ou admitir** e que, no entanto, sempre se impõe a ele, direta ou indiretamente, tais com o os **traços inferiores do caráter** ou outras **tendências incompatíveis**. A sombra é (...) aquela personalidade oculta, recalçada, frequentemente inferior e **carregada de culpabilidade**, cujas ramificações extremas remontam ao reino de nossos ancestrais animais, englobando também todo o aspecto histórico do inconsciente (...). Se antes era admitido que a sombra humana representa a fonte de todo o mal, agora é possível, olhando mais acuradamente, descobrir que o homem inconsciente, precisamente a sombra, não é composto apenas de tendências moralmente repreensíveis, mas também de certo número de boas qualidades, instintos normais, reações apropriadas, percepções realistas, impulsos criadores etc. (JUNG, 2019, pag. 410) (grifos nossos).

Assim, a sombra é o conjunto de características, desejos e impulsos reprimidos ou negados pelo ego, por não se ajustarem a um ideal que o sujeito construiu de si e se forma a partir da exclusão daquilo que o indivíduo aprendeu a considerar inaceitável ou inadequado, geralmente em resposta às expectativas familiares, sociais e culturais, ainda que não moralmente repreensível.

Na adolescência, período de construção de identidade e diferenciação em relação às figuras parentais, como visto no Item 5.3.1, esses conteúdos tendem a emergir com maior intensidade.

Ao tratar sobre o confronto com a sombra no contexto terapêutico, Jung traz considerações gerais sobre este embate e suas consequências, que podem ser estendidas ao contexto da escolha profissional:

A psicologia médica de nossos dias já reconheceu como necessidade terapêutica, e até mesmo como pressuposição de qualquer metódica psicológica mais exaustiva, **que a consciência se confronte com sua sombra**, o que afinal deve conduzir a qualquer espécie de **ligação**, ainda que esta primeiramente e por longo tempo apenas deva porventura consistir em **conflito aberto**. Esta luta não pode ser eliminada deste mundo por meios intelectuais. Caso se consiga removê-la por meio da vontade, assim mesmo ela continua a existir no inconsciente e se manifesta apenas de maneira indireta, o que de nenhum modo significa uma vantagem. **A luta dura até que lhe falte o fôlego**. O que daí deva resultar, a inteligência não pode prever. Certo é apenas que os dois partidos **se transformam** (Jung, Obra Completa, vol. 14/2, §178) (grifos nossos).

O enfrentamento dessa tarefa – confrontar a sombra, reconhecendo seus conteúdos inconscientes e integrando-os à consciência – não é vivido de forma trivial, mas sim de forma profunda, a ponto de resultar em desmotivação e paralisia, comprometendo a capacidade de tomar decisões e intensificando o sentimento de desequilíbrio interno:

A **confrontação com a sombra** causa primeiramente um **equilíbrio morto** ou uma parada que **impede decisões morais**, e torna ineficazes as convicções ineficazes, e mesmo as impossibilita. **Tudo se torna duvidoso** (...) (Jung, Obra Completa, vol. 14/2, §367) (grifos nossos).

Neste sentido, Guggenbühl-Craig (1971, *apud* Frankel, 2021) aponta para o surgimento de um impulso destrutivo nos jovens, citando a tendência a querer destruir não apenas a vida e os bens de outros, mas também os próprios, o que Frankel interpreta como manifestações agressivas e destrutivas da sombra na adolescência.

No contexto da escolha profissional, como ilustram os relatos biográficos que serão analisados a seguir nesta pesquisa, esses conflitos, se enfrentados, podem impactar positivamente o reconhecimento pelo jovem de seus interesses e potencialidades, levando-o a fazer escolhas mais próximas de sua totalidade psíquica, e não baseadas apenas nas expectativas de terceiros.

5.3.3 Relação com a persona

A persona, segundo Jung:

(Um caso frequente é a identificação com a persona, que) é o sistema de **adaptação** ou estilo de nossa relação com o mundo. Assim sendo, quase todas as **profissões** tem a sua **persona característica**. (...) o mundo exige um certo tipo de comportamento e os profissionais se esforçam a **corresponder** a tal expectativa. O único **perigo** é **identificar-se** com a persona, como, por exemplo, o professor com seu manual, o tenor com sua voz; daí a desgraça. (...) Exagerando um pouco, poderíamos até dizer que a persona **é o que não se é realmente**, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa **acham** que se é. Em todo caso a tentação de ser o que se aparenta é grande, porque a persona frequentemente recebe seu pagamento à vista (Jung, Obra Completa, vol. 9/1, §221) (grifos nossos).

Assim, o conceito de persona é utilizado por Jung para caracterizar a máscara social que um indivíduo adota na mediação de sua interação com o mundo exterior, composta por um conjunto de posturas e atitudes que constroem papéis reconhecíveis por este mundo, atuando, desta forma, como uma forma de adaptação útil, e muitas vezes necessária, para a convivência social.

O perigo, como coloca Jung, não seria, portanto, a persona em si, mas a identificação com ela e seus atributos: o que nós mesmos e os outros pensam que somos, apesar de não o sermos verdadeiramente.

Frankel (2021) destaca que esse fenômeno é particularmente relevante no contexto da adolescência, fase em que a construção da identidade se coloca como uma das tarefas centrais do processo de individuação, e da qual a fluidez de identidade, bem como a disposição para assumir cegamente padrões coletivos, são fenômenos genuínos.

E, ressalta o mesmo autor, justamente por estarem tão suscetíveis à persona, os adolescentes compreendem intuitivamente sua dinâmica de ocultação e revelação da identidade, o que lhes dota da habilidade de reconhecer (e confrontar) adultos excessivamente identificados com sua própria persona, em um exercício de desmascarar o que percebem como ‘falsidades’, testando a flexibilidade e a resiliência da identidade adulta.

De acordo com Whitmont (1995), as expectativas parentais, apresentadas desde a infância, são os primeiros determinantes dos papéis sociais, com a criança tendendo a aderir, em busca de aprovação, o que caracteriza o primeiro padrão de formação de ego. Ao longo do desenvolvimento,

é adequado que ocorra uma diferenciação de conteúdos do ego e da persona, de modo que o indivíduo se torne consciente de si mesmo na sua relação com o mundo externo, equilibrando a máscara de persona com um ego adequado. A tarefa que se coloca, portanto, é a de aprender a se adaptar às exigências coletivas, em conformidade com os papéis sociais – incluindo a profissão e a posição social – sem se perder de si mesmo, sob pena de confundir a própria identidade com uma imitação estereotipada ou uma atuação zelosa de um papel social determinado pelas expectativas de terceiros.

Por fim, Frankel (2021) descreve uma questão sobre a qual Jung se debruçou, que diz respeito à simulação da individualidade pela persona, ou seja, se a interpretação de um papel equivaleria ou não à sujeição das ações a determinações coletivas. Analisando a relação entre a persona, o ego-consciência e o *self* inconsciente, Jung propõe que, apesar de a persona ser essencialmente um fenômeno coletivo, a escolha da persona e de como ela se expressa no mundo reflete a individualidade de cada pessoa. Assim, uma persona adequada não esconde a identidade do sujeito, mas dota o indivíduo do potencial de ampliar sua voz (Pollock, 1996, *apud* Frankel, 2021), atuando como uma face externa do *self* inconsciente.

5.3.4 Reconhecimento do chamado

Fortim (2022) aborda a temática da vocação, do caráter e do chamado, com Hillman como autor de referência. No contexto profissional, a questão da vocação é entendida como um chamado interno, uma imagem que define o indivíduo desde o nascimento, conferindo-lhe identidade e singularidade, que pedem para ser vividas. Essa concepção está intimamente relacionada ao processo de individuação, que, segundo Jung, consiste na busca contínua de nos tornarmos aquilo que realmente somos.

Segundo a mesma autora, neste processo, o conceito de *daimon* surge como a centelha de inteligência divina, que representa a essência que orienta o indivíduo para a sua verdadeira vocação. A vocação, portanto, implicaria a convivência de dois aspectos paradoxais: o destino, entendido como aquilo que nos é dado de forma inevitável, e a escolha pessoal, que envolve a capacidade de tomar decisões conscientes sobre como seguir esse caminho. O *daimon* determina a vocação e o caráter, definindo as tarefas que o indivíduo tem a realizar e como ele deve realizar essas tarefas,

respectivamente. Dessa maneira, o *daimon* é simultaneamente a inspiração e a estrutura que molda o indivíduo em sua jornada profissional, orientando-o para a expressão autêntica de sua essência.

Nesse contexto, a OP desempenha um importante papel, no suporte ao orientando na identificação de seu chamado pessoal, bem como na compreensão das possibilidades e limitações envolvidas na capacidade de atender ao chamado, àquela altura de sua trajetória biográfica.

5.3.5 O processo de individuação e o retorno ao coletivo

Segundo Jung, o processo de individuação:

(...) é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o **desenvolvimento do indivíduo psicológico** como ser **distinto** do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de **diferenciação** que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. (Jung, Obra Completa, vol. 6, §853) (grifos nossos).

Trata-se de um processo de diferenciação, em direção à realização do *self*, que não deve ser confundido com a mera identificação com o ego:

Trata-se da **realização do seu si mesmo**, no que tem de mais **pessoal** e de mais **rebelde a toda comparação**. Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra “individuação” por “realização de si mesmo”, “realização do si mesmo” (Jung, 2019, p. 406) (grifos nossos).

Embora haja diferentes entendimentos entre os autores pós-junguianos sobre o momento de início do processo de individuação, alguns autores o associam ao nascimento psíquico que ocorre na adolescência, ao qual Jung se refere, nos seguintes termos:

No estágio infantil da consciência, ainda não há problemas; nada depende do sujeito, pois a própria criança ainda depende inteiramente dos pais. (...) O **nascimento psíquico** e, com ele, a **diferenciação consciente em relação aos pais** só ocorrem na **puberdade**, com a irrupção da sexualidade. A mudança fisiológica é acompanhada também de uma revolução espiritual... (Jung, Obra Completa, vol. 8/2, §756) (grifos nossos).

Nesse sentido, Frankel (2021) destaca a adolescência como um marco simbólico no desenvolvimento psíquico, caracterizando-a como o início do processo de individuação. Embora alguns autores considerem que a individuação só se inicia na segunda metade da vida, Frankel defende que ela se estende por todo o ciclo vital, tendo início com o nascimento psíquico na adolescência. Essa perspectiva confere às crises típicas dessa fase uma dimensão simbólica, ampliando sua compreensão para além do campo da resistência ou da patologia.

Não apenas, mas especialmente na análise da relação entre escolha profissional e processo de individuação, importante a qualificação de Jung sobre a individuação como uma aproximação do *Self*, e não do ego, sob pena de se confundir individuação com isolamento ou egocentrismo:

Observo cada vez mais que se confunde o processo de individuação com o processo de tornar-se consciente, e que o eu é, conseqüentemente, identificado com o si-mesmo, o que naturalmente acarreta uma irremediável **confusão** entre os conceitos, pois com isso a **individuação** se transforma em **egocentrismo** e **autoerotismo**. (...) **A individuação não exclui o mundo, pelo contrário, o engloba.** (Jung, Obra Completa, vol. 8/2, §432) (grifos nossos).

Uma segunda qualificação importante diz respeito à individuação como retorno ao coletivo. O processo de individuação, embora implique um afastamento da conformidade coletiva, requer, para sua integridade, a geração de novos valores que possam ser oferecidos de volta ao coletivo:

A individuação nos **afasta** da conformidade pessoal e, por isso, da **coletividade**. Esta é a **culpa** que o indivíduo deixa atrás de si, perante o mundo, **a culpa que deve esforçar-se por redimir**. Ele deve oferecer um **resgate** em lugar de si mesmo, isto é, deve gerar valores que sejam um **substituto equivalente** em sua ausência na esfera pessoal coletiva. Sem esta produção de valores, a individuação final é **imoral** e, mais do que isso, **suicida**. (Jung, Obra Completa, vol. 8/2, §229) (grifos nossos).

Jung reafirma a relação fundamental entre o indivíduo e o coletivo como parte da própria dinâmica da individuação:

Uma vez que o indivíduo não é um ser único, mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também **o processo de individuação não leva ao isolamento**, mas a um **relacionamento coletivo mais intenso e abrangente** (Jung, Obra Completa, vol. 6, §853) (grifos nossos).

Em suma, é possível compreender a escolha profissional não apenas como uma decisão pragmática, mas como uma expressão concreta de movimento em direção ao *self* e, assim, um marco no processo de individuação. O afastamento do indivíduo das expectativas coletivas é circunstancial e não visa à sua exclusão do mundo, mas à possibilidade de um retorno transformado, no qual o indivíduo, ao encontrar seu lugar no mundo, possa a ele servir, com novos valores e sentidos. Assim, a escolha profissional, quando reconhecida como parte do caminho de individuação, revela-se como um ato psíquico e ético, que conecta a realização pessoal à responsabilidade coletiva.

6 MÉTODO

Este estudo foi realizado por meio da análise qualitativa de dados coletados através de entrevistas semidirigidas com participantes selecionados entre alunos de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). O foco das entrevistas foram os marcos das trajetórias biográficas individuais desses estudantes e sua relação com a escolha profissional. O objetivo foi investigar de que forma os sujeitos vivenciam, constroem e narram suas experiências, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da interrelação entre trajetória biográfica, constituição da subjetividade e escolha profissional.

6.1 O Processamento Simbólico-Arquetípico como método de pesquisa

O Processamento Simbólico Arquetípico (PSA), método de pesquisa desenvolvido por Eloisa Penna (2014), parte de uma análise robusta das premissas ontológicas (natureza da realidade como uma totalidade dinâmica, composta por aspectos manifestos e subjacentes e/ou conscientes e inconscientes), epistemológicas (possibilidades e limites de acesso ao inconsciente) e metodológicas (formação de símbolos, como modo de o inconsciente dar-se a conhecer, permitindo a integração e a ampliação da consciência) da Psicologia Analítica, e propõe bases para a investigação qualitativa e a produção de conhecimento a partir de experiências subjetivas.

Este método visa a elucidar, enriquecer, ampliar e aprofundar os significados ocultos do símbolo, a fim de atingir sua integração na consciência (Penna, 2013) e, neste sentido, se mostra adequado a pesquisas sobre OP, na medida em que a escolha de carreira e, conseqüentemente, de uma identidade profissional, está profundamente ligada a aspectos emocionais, simbólicos e inconscientes da psique.

A abordagem junguiana, que fundamenta o método, permite explorar como conteúdos inconscientes, manifestos através de expressões arquetípicas e simbólicas, influenciam as motivações, os conflitos e as decisões profissionais.

Ao analisar as manifestações presentes nas narrativas de trajetórias de vida, o método permite não apenas acessar caminhos de autoconhecimento e individuação dos sujeitos da escolha, mas também explorar os fatores sociais e culturais que influenciaram suas trajetórias biográficas e, conseqüentemente, suas escolhas profissionais.

6.2 Participantes

Os participantes foram selecionados entre estudantes de 1º a 5º anos, regularmente matriculados em cursos de graduação da PUC/SP, ministrados no *Campus* Monte Alegre.

Um total de 20 (vinte) estudantes respondeu ao questionário, dentre os quais 13 (treze) concordaram em realizar a entrevista. Dentre estes, foram selecionados 7 (sete), em razão da disponibilidade de horários para realização de entrevista presencial.

6.3 Procedimentos

Seguindo a metodologia do PSA, a pesquisa foi realizada por meio das seguintes etapas: coleta de dados (relatos de trajetórias biográficas na escolha profissional), análise dos relatos para identificação de expressões arquetípicas e simbólicas, amplificação simbólica (processamento simbólico dos dados coletados, como meio através do qual aspectos desconhecidos do símbolo se tornam conhecidos) e elaboração de conclusões.

A seleção de participantes foi realizada em duas fases. Na primeira fase, o contato inicial foi feito através dos coletivos discentes organizados, aos quais a pesquisadora enviou o questionário *online* (Apêndice 1) para distribuição aos estudantes associados. O questionário identificou informações básicas sobre os participantes, incluindo dados de identificação (nome, idade, curso), histórico no ensino médio (tipo de escola, financiamento), histórico na graduação (curso escolhido, financiamento, status da matrícula) e disponibilidade e interesse em participar de entrevistas.

Na segunda fase da seleção de participantes, foram identificados os sujeitos que se dispuseram a participar de uma entrevista semiestruturada, com base em questões prévias norteadoras (Apêndice 2), disponibilizada esta que foi indicada pela posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndices 3 e 4). As entrevistas objetivaram a coleta dos relatos pessoais sobre as trajetórias de vida e escolhas profissionais, explorando os fatores que influenciaram suas decisões.

Tendo em vista a coleta de dados primários com indivíduos, este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o nº CAAE 84473024.6.0000.5482.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 Apresentação geral dos resultados

Foram coletadas 20 (vinte) respostas ao questionário on-line. Dentre os respondentes:

- 17 são estudantes de Psicologia e 3 de Direito;
- 14 não participaram de atividades organizadas de OP e 6 participaram;
- 12 vêm de famílias de alta ou média renda e 8 de baixa renda;
- 17 estudaram em escola particular (sendo 5 como bolsistas) e 3 em escola pública;
- 15 são alunos pagantes na faculdade e 5 são bolsistas; e
- 7 se dispuseram a participar da entrevista.

Dentre os 7 (sete) sujeitos entrevistados:

- 5 são do sexo feminino e 2 do masculino;
- 4 são estudantes de Psicologia e 3 de Direito;
- 4 não participaram de atividades organizadas de OP e 3 participaram;
- 4 vêm de famílias de alta ou média renda e 3 de baixa renda;
- 4 estudaram em escola particular e 3 em escola pública;
- 5 são alunos pagantes na faculdade e 2 são bolsistas; e
- 3 iniciaram outros cursos de graduação antes do atual e 4 seguem com sua primeira escolha.

Os entrevistados foram identificados através de nomes fictícios, para preservação da identidade. Os nomes fictícios foram identificados por um asterisco (*), em sua primeira menção.

Excertos dos relatos, relacionados especificamente às tarefas da adolescência que ajudam a ilustrar, serão apresentados na discussão a seguir. Um resumo abrangente dos relatos é apresentado no Apêndice 5.

7.2 Discussão dos resultados

Os dados coletados permitiram a retomada do problema e dos objetivos da pesquisa, na medida em que ilustraram a dialética que se estabelece entre marcos da trajetória biográfica e a escolha profissional. Neste sentido, se prestaram à análise simbólica das referências trazidas pelos entrevistados em seus relatos sobre o seu percurso de escolha profissional e, neste sentido, do enfrentamento de tarefas que se apresentaram na transição da adolescência para a vida adulta.

Uma **limitação** que enquadra esta análise e que deve ser destacada aqui diz respeito à extensão possível da amplificação simbólica no contexto das entrevistas. As entrevistas foram realizadas em encontros presenciais, com duração mínima de 1 (uma) e máxima de 2 (duas) horas, de modo a permitir a livre expressão do relato pelo entrevistado, bem como uma troca dialogada para o esclarecimento pelo mesmo de significados simbólicos atrelados a certas passagens. Assim, foi possível realizar a coleta segura de experiências biográficas carregadas de relevância simbólica, cuja amplificação **não** deve, entretanto, ser confundida com aquela possível em um trabalho clínico regular e aprofundado.

Neste mesmo sentido, a seleção de trechos dos relatos biográficos para articulação de conceitos da Psicologia Analítica, realizada nesta pesquisa apenas para fins acadêmicos, **não** deve ser confundida com a análise clínica ou qualquer forma de diagnóstico acerca das situações compartilhadas pelos entrevistados.

Isto posto, as tarefas da adolescência selecionadas para esta análise, apresentadas no Item 5.3, serão discutidas e ilustradas a partir de excertos selecionados das entrevistas, apresentados a seguir.

7.2.1 Amadurecimento do ego e separação dos pais

Os relatos de Eduardo*, Natália* e Helena* ilustram o papel das identificações, positivas e negativas, com as figuras dos pais, na escolha profissional dos filhos, e permitem explorar como estas identificações se mostram nas relações e influenciam as motivações e conflitos no processo decisório.

7.2.1.1 Eduardo: “Do pai ao eu – um caminho do legado à autenticidade”

Eduardo teve uma criação pouco ortodoxa. Perdeu o pai biológico aos 2 anos, é próximo da mãe, mas **“a figura mais importante da minha vida, sem nenhuma dúvida, é o meu pai de criação.** É aí que mora a figura que vai me levar pra tomar caminhos de faculdade e trabalho. Que são caminhos muito distantes do que eu acabei gostando de fazer no final” (sic)¹. Esse pai, 20 anos mais velho que a mãe, cresceu no interior da Bahia e veio para São Paulo, onde estudou Administração de Empresas na FGV, através de um financiamento estudantil. Era politizado, foi presidente do Grêmio da FGV na época da ditadura militar, foi preso e torturado. **“Era uma pessoa muito inteligente. Num sentido que eu nunca desejaria ser.** (...) Ele deu a cara tapa em tudo que de fato ele fez. Que é algo que eu sempre tentei seguir na minha vida”. Ao terminar a faculdade, o pai teve uma carreira bem sucedida, chegando a diretor de Recursos Humanos em bancos internacionais. Quando Mário Covas foi eleito governador de SP, convidou seu pai para ser presidente da FEBEM. Seu lado político reaflorou e ele aceitou. Eduardo o descreve como **“um liberal, de direita,** mas que tinha um mínimo de bom senso. Ele era minimamente progressista, mas era pessoa de maneira geral de direita”. Eduardo o admira por “tratar como seres humanos as crianças que estão ali. Para ele era muito importante essa fase da infância. **Ele gostava muito de Freud e afins**”. No meio de uma adolescência repleta de altos e baixos, incluindo a depressão e o suicídio do pai, Eduardo refletia sobre os caminhos à frente. Queria estudar Economia, mas “não queria ainda Economia na USP, porque **eu achava que era muito liberal.** Eu prestei Economia só na UNICAMP. Que era meu sonho. (...) Tinha essa fantasia futura de querer dar aula, pra ainda manter essa parte de contato político, de entender como você pode impactar positivamente vidas no geral”. Eduardo não passa na UNICAMP e tem início um caminho universitário de idas e vindas. Entrou na Faculdade de Economia e Administração (FEA) da USP, ainda que sua pontuação o tenha deixado longe do curso desejado. Começou Ciências Contábeis, flexibilizou seu posicionamento sobre a USP, dizendo a si próprio: **“se você quer criticar tanto o liberalismo, então você vai ter que estudar sobre o liberalismo, porque senão você só vai falar merda, e uma pessoa que é liberal e é teórica vai te**

¹ Todos os trechos destacados com aspas nos relatos de cada entrevistado foram extraídos diretamente de suas falas nas entrevistas

arregaçar da argumentação, porque você não sabe o que você está falando". Na metade da graduação, se dá conta de que só está lá pela militância estudantil, que o preenche, mas que o curso não lhe faz o menor sentido. Por esta e por outras razões, ligadas a situações difíceis com as quais vinha lidando, além de um trabalho desgastante, **"eu quebrei psicologicamente**, tive uma depressão, não conseguia sair da cama direito, pedia desculpa por tudo que eu fazia, chorava constantemente". Precisou tomar remédios, se internou para cuidar da saúde e **"no dia seguinte da internação eu avisei meus chefes**, vou sair, vou sair do trampo, **vou sair da contabilidade**. Eu lembro que o chefe virou pro outro e falou: **caralho, irmão, você vê esse moleque sendo contador?** Tipo, pelo amor de Deus! Todo mundo chegou: **demorou**". E decidi então estudar Psicologia, decisão que hoje o faz feliz. Eduardo diz que mudou sua escolha profissional **"fugindo de tentar ser meu pai, porque eu entendi quando era sobre ser meu pai**. E que eu não precisava ser meu pai nesse sentido, pra ser meu pai no sentido que eu seria. **Eu já era meu pai no sentido que eu queria**". E, ao contar para a meia irmã (filha do 1º casamento do pai) sobre sua mudança, ela lhe entrega a coleção de livros de Freud que tinha herdado do pai, dizendo: "Graças a Deus, **alguém seguiu os passos do papai!**" (grifos nossos).

Na trajetória de Eduardo, fica aparente a ambiguidade na relação entre pais e filhos. Ao mesmo tempo em que o adolescente se identifica com a figura do pai (no caso, nas dimensões profissional, política e atitudinal) e encontra nela uma base para a construção de sua personalidade, inicia um movimento de diferenciação (no caso, buscando consolidar suas próprias convicções políticas, através dos estudos, para preservar sua integridade frente à forte influência do pai).

Esta busca de diferenciação remonta à revolução psíquica, referida por Jung, que ocorre na adolescência, marcando o nascimento do indivíduo psicológico em desenvolvimento (Frankel, 2021).

A trajetória de Eduardo ilustra, ainda, o significado teleológico desta diferenciação, destacado por Frankel (2021). Mais do que uma simples reação aos modelos parentais, ela representa a manifestação de novos aspectos do caráter na adolescência, possibilitando o exercício pelo adolescente de possibilidades futuras de ser, revelando o potencial criativo dos conflitos geracionais.

7.2.1.2 Natália: “O mundo além do portão”

Natália conta que cresceu em uma família de origem humilde, mas muito amorosa. Seus pais tinham escolaridade básica, trabalhavam em empregos que exigiam pouca qualificação, mas tinham “repertório de vida”. Ela, quando criança, olhava para fora de casa e intuía que ali havia um mundo imenso a conhecer: **“Eu olhava o portão, eu olhava literalmente o portão e falava, tem um mundo lá fora, que eles não vão, mas eu vou”**. A mãe sonhava com um bom futuro para a filha: que ela pudesse se casar, ter filhos e se dedicar a ser dona de casa, sonho este que a mãe pôde realizar somente em parte, já que tinha que trabalhar para complementar a renda da casa. Ao começar a pensar sobre as profissões, Natália conta que tinha interesse em todas: “cada profissão que eu sabia que existia, eu queria (...) porque **eu achava tudo fantástico**”. Ao ser perguntada sobre o que via de fantástico nas profissões, Natália esclarece: **“O oposto da minha mãe”** (grifos nossos).

Na cultura ocidental, em que as posições da criança/adolescente e do adulto são hierarquicamente demarcadas, sendo esta superior àquela, os casos de identificação positiva com os pais tendem a ser vistos com mais naturalidade, senão com expectativa. Já os casos de identificação negativa, como o de Natália, tendem a ganhar conotações igualmente negativas, podendo ser tomados por rebeldia, resistência ou ingratidão, sendo passíveis de correção.

Porém, a identificação negativa traz em si o movimento de diferenciação e, nesta medida, constitui a revolução psíquica, a que Jung se referiu, que se dá com o nascimento do indivíduo psicológico em desenvolvimento (Frankel, 2021).

Esta diferenciação não se dá sem a mobilização de grandes quantidades de energia e abalos na relação entre pais e filhos. Neste sentido, importante a ponderação de Frankel (2021) sobre a importância terapêutica de não patologizar as manifestações do movimento de diferenciação do adolescente, mas de compreendê-las como parte do processo de individuação.

7.2.1.3 Isabel: “A vida não vivida dos pais”

Isabel é filha única, seus pais são médicos. A família preza pelos estudos e pelo trabalho, a avó enuncia o mito familiar: “(na nossa família) **não existe filho menos educado que o pai**”. Pai e filha são próximos e exploram o mundo juntos: “Meu pai é completamente apaixonado por viajar para o exterior. Ele gosta de lugares que não são tão tradicionais, tipo Cuba. Tanto que na minha viagem de 15 anos, eu fui para a Rússia, eu fui para a Turquia”. Isabel contou que tinha liberdade para escolher a carreira, com limites: “**conforme as suas preferências, dentro do socialmente aceitável**. (...) Se eu virasse para o meu pai e falasse que vou fazer **ciências sociais**, ia causar **uma questão**”. Isabel era apaixonada por leitura e, aos 13 anos, cogitou cursar Estudos Literários, ao que o pai respondeu: “você pode até fazer, mas **você tá disposta a viver com salário?**”. A partir de seus outros interesses, Isabel pensou então em cursar Relações Internacionais: “**daí vem meu pai, uma grande influência**. (...) Sempre foi uma grande questão pra ele ir pro exterior. (...) Era **um grande sonho dele quando ele era mais novo**. Eu acho que isso foi completamente passado pra mim por osmose. Hoje eu percebo que tem uma influência. Uma **projeção absurda**”. No ensino médio, Isabel manteve a decisão de cursar Relações Internacionais, o pai pesquisou sobre cursos preparatórios, “daí ele descobriu uma universidade chamada Escola de Diplomacia de Genebra. É o centro do mundo pra isso. **Ele falou assim: vamos fazer**”. Isabel foi aprovada, iniciou o curso, mas teve que interromper por causa da pandemia. Retornou ao Brasil, onde repensou suas opções e decidiu cursar Direito, escolha com a qual está feliz hoje (grifos nossos).

A influência dos pais sobre a escolha profissional dos filhos pode se dar por diversos caminhos. Os relatos coletados nesta pesquisa ilustram alguns deles. Um destes caminhos é a vida vivida dos pais, que pode inspirar, como no caso de Eduardo, ou repelir, como no caso de Natália. Outro é o dinheiro, que pode atuar como influência direta (expressa no pagamento dos custos de educação) ou indireta (através da demanda de segurança financeira futura), tema recorrente em outros relatos.

Estes caminhos têm em comum o fato de serem manifestos e, assim, mais facilmente reconhecíveis.

Há, porém, fatores menos ostensivos – por vez ocultos e até inconscientes – que podem influenciar a escolha profissional. Um destes fatores, destacado por Jung e ricamente ilustrado pelo relato de Isabel, é o desejo não realizado pelos pais. Segundo Jung, “nada exerce maior influência psíquica sobre o meio ambiente da pessoa, sobretudo das crianças, do que a vida não vivida dos pais” (Jung, Obras Completas, vol. 15, §4).

Uma outra passagem do relato de Isabel ilustra a importância de reconhecer estes fatores menos ostensivos, trazendo-os à luz. No caso de Isabel, este reconhecimento permitiu à filha rever sua primeira escolha, decidir-se por uma segunda e manter-se firme em sua posição, mesmo frente a questionamentos do pai (no caso, sobre sua permanência no Brasil): quando decidiu desistir do curso de Relações Internacionais em Genebra e prestar vestibular para Direito no Brasil, o pai protestou, mas a filha insistiu na sua escolha e seguiu seu caminho. A projeção do pai sobre a filha, expressa na escolha profissional, foi reconhecida pelos dois e, uma vez vista às claras, trouxe leveza à vivência: “Daí, na época, foi algo traumático, mas hoje, a gente dá risada e tá tudo certo. É, mas quando tá acontecendo, é intenso”.

7.2.2 Confronto com a sombra

Humberto: “Do desencanto ao propósito – a ressignificação do trabalho”

Humberto contou que seus pais ascenderam socialmente através do estudo e do trabalho. A família tem uma boa situação financeira e a dedicação ao trabalho ocupa uma posição central na escala de valores: **“os dois foram sempre ralando, ralando, ralando**. Então, a minha mãe, ela sempre trabalhava bastante e o meu pai, ainda mais”. Quando criança, uma tia da mãe veio morar na casa dos pais **“para ajudar a cuidar de mim. Porque eles não conseguiam”**. Assim como os pais, Humberto foi um excelente aluno: **“(tinha) isso, de me considerarem meio o geniozinho da família, ah, esse aí é um prodígio**, porque olha só também, **o pai era um prodígio”**. Até o ensino fundamental, era não apenas o melhor aluno da sala, mas da escola como um todo. Mas, a partir do ensino médio, Humberto se desencantou com os estudos e com a ideia de trabalho e desenvolveu uma depressão: **“tinha essa coisa sempre de crescer no corporativo. (...) Então, cresce, cresce, cresce, precisa estar lá, mostrando serviço. (...) Então eu virei um antagonismo ao trabalho,**

na minha vida”. Neste estado de desconexão, ao participar de atividades de OP na escola, olhava para todas as profissões e não se interessava por nenhuma. A questão não era só ‘o que’ fazer, mas ‘como’ fazer, já que, ao olhar para o exemplo dos pais, pensava: **“Trabalho é isso? Eu não quero isso”**. Contou que suas preocupações não foram acolhidas no processo de OP: “sempre que chegava uma coisa no meio, tipo, mas **eu quero uma coisa um pouco mais *work-life* balance, quero um pouco mais tranquilo**, parecia sempre que a **minha resposta não era muito estimulada** na sala” e “eu estava pensando também em carreira sem faculdade, (...) mas **para o colégio uma carreira sem faculdade não era uma opção**. E o desencanto com esta forma de trabalho, este estilo de vida, foi se estendendo, perigosamente: “eu tive um momento bem dramático, porque **eu compartilhei meu desinteresse pela vida como um todo**”. A depressão se aprofundou e Humberto, buscando uma saída, bolou um plano, “que eu chamava de o ‘plano da **vagabundagem**’”. Ele explicou que não via saída para o dilema, mas como podia contar com o apoio material dos pais, cogitou não fazer nada, até que a disposição deles para o sustentar acabasse. Depois disso, pensava, nas fases mais agudas, em suicídio, já que nada fazia sentido, ou nas fases mais brandas, em bolar algum plano de última hora para ver o que ia fazer. Sentindo a pressão dos pais e da escola e familiarizado com temas de saúde mental, pensou que **“seria bom ajudar alguém que esteja numa situação dessa”** e escolheu, por exclusão, cursar Psicologia. Na faculdade, “cheguei no 4º ano, eu fui descobrir Psicologia Organizacional, eu peguei interesse pela coisa. Porque **foi a primeira coisa em muito tempo, de coisa acadêmica, de trabalho, que eu olhei e falei, nossa, isso aqui, o que é?**”. A partir desta curiosidade, Humberto conecta os estudos acadêmicos com suas próprias experiências: “E aí eu pensei **como eu posso ressignificar aquilo tudo que eu tinha antes** (...) eu queria fugir da empresa, eu pensei numa lógica (...) eu deveria entrar na empresa e garantir que as pessoas tenham o trabalho mais saudável que eles puderem ter, **que eu possa entrar e as pessoas possam ter uma condição de vida melhor no trabalho do que meus pais tiveram**”. E, ainda que não sem uma certa cautela em se aproximar, contou que **“essa foi a lógica que me atraiu muito, falei, nossa cara, é isso o que eu quero fazer”** (grifos nossos).

O relato de Humberto ilustra o possível impacto da sombra sobre o desenvolvimento psíquico do adolescente e, conseqüentemente, sobre a escolha profissional. A partir do exemplo dos pais, trabalhadores obstinados, para quem o trabalho se sobrepôs à criação do filho e ao

casamento, Humberto aprendeu a valorizar o empenho e a conquista de resultados, correspondendo de forma irrepreensível, durante todo o ensino fundamental. Na mesma medida, entendeu que certas características, como ser tranquilo ou caseiro, e certos anseios, como equilíbrio entre vida pessoal e profissional, não eram desejáveis e não tinham lugar de expressão, seja em casa ou na escola. No ensino médio, Humberto relata que se viu apático e paralisado, não apenas em relação aos estudos, mas à vida como um todo. O desejo de tranquilidade e equilíbrio ganhou tons de ‘vagabundagem’, e a recusa da referência de trabalho dos pais, de conflito existencial.

Em um movimento compensatório, estes elementos psíquicos incompatíveis com a vida conscientemente escolhida, formam a sombra, se unindo ao inconsciente e formando uma personalidade parcial, relativamente autônoma, com tendências opostas ao consciente (Jung, 2019).

Segundo Frankel (2021), a integração de conteúdos da sombra é parte do processo de individuação, tendo início no reconhecimento de aspectos ocultos e autônomos da personalidade que, por sua força, podem subjugar o ego. O encontro com a sombra é penoso já que faz com que o adolescente confronte o potencial para agir destrutivamente em relação a si próprio. De outro lado, o mesmo autor destaca a habilidade excepcional dos adolescentes para questionar os ideais coletivos, percebendo os aspectos sombrios daquilo que é considerado mais sagrado pela coletividade, como é o caso do valor atribuído ao trabalho na sociedade contemporânea.

Neste sentido, a crítica dos adolescentes a valores socialmente consolidados, como o ideal de trabalho na contemporaneidade, revela uma sensibilidade às contradições do modelo vigente, frequentemente marcado por competitividade, exaustão e perda de sentido. Longe de ser uma mera expressão de rebeldia ou ‘vagabundagem’, esta postura, se acolhida pela coletividade, pode atuar como instrumento de questionamento e de renovação ética e cultural dos valores estabelecidos.

Uma segunda questão que pode ser abordada através do relato de Humberto diz respeito ao conceito de enantiopatia, central na compreensão da atuação das polaridades sobre a psique. Este conceito significa, literalmente, “correr em direção oposta a” e descreve o fenômeno que ocorre sempre que uma tendência extremada e unilateral domina a vida consciente, levando ao surgimento de uma contraposição igualmente poderosa, que inibe o desempenho consciente e, posteriormente, rompe o controle consciente (Jung, 2011, *apud* Sharp, 1991). Ainda segundo Sharp

(1991), a enantiodromia é acompanhada por sintomas associados à neurose aguda e, muitas vezes, pressagia o renascimento da personalidade.

Note-se que a neurose, para Jung, “é sempre o substituto de um sofrimento legítimo” (Jung, Obras Completas, vol. 11/1, §129). Este sofrimento decorre de “um estado de desunião consigo mesmo, causado pela oposição entre as necessidades instintivas e as exigências da cultura (...), um sinal de parada para o indivíduo que está num caminho falso e um sinal de alarme que o induz a procurar um processo de cura pessoal” (Jung, 2019, pag. 407), sendo dotado, portanto, de um significado teleológico.

Na trajetória compartilhada por Humberto, a distância diametral entre a conexão dos pais com o próprio trabalho e a desconexão do filho com os estudos e a vida como um todo, que se instalou no ensino médio, momento em que o adolescente é chamado a decidir, fornece uma imagem que permitiria, em uma análise futura e mais aprofundada, a discussão sobre as polaridades e sua atuação sobre a escolha profissional.

7.2.3 Relação com a persona

7.2.3.1 Isabel: “Ideais X idealização de carreira”

Isabel, já apresentada, foi uma ótima aluna na escola. Era naturalmente curiosa e dedicada, especialmente nas disciplinas de Humanas. Por uma inclinação natural, reforçada posteriormente pela relação conflituosa dos pais após o divórcio, descreveu-se como madura e mediadora. Cogitou estudar Estudos Literários, no que não foi incentivada. Diferentemente de Relações Internacionais, um curso que indicava uma conciliação entre os interesses e habilidades da filha e a expectativa do pai. Já aos 13 anos, Isabel se investe da ideia e imagina sua atuação na área: “**Eu realmente achava que eu ia chegar lá, que eu ia amar, que eu ia virar uma fodona, que ia trabalhar na ONU e que ia mudar o mundo, sabe? A próxima Constituição eu ia ter meu nome**”. Ao concretizar o plano e ir estudar Relações Internacionais em Genebra e não gostar, Isabel se dá conta do choque entre o ideal e a realidade: “Porque eu coloquei uma **idealização** enorme. É o que eu sonhava fazer quando eu tinha 13 anos. Então, **pra mim, quando eu cheguei lá e eu não gostei, foi uma coisa muito chocante**” (grifos nossos).

O relato de Isabel oportuniza a discussão sobre a persona.

De um lado, o investimento no papel social atribuído à uma determinada profissão tem sua importância, na medida em que contribui no exercício de construção da identidade, tarefa central da adolescência.

De outro, como pontuado por Jung, o perigo se apresentaria não na adaptação adequada a uma persona, mas à identificação com ela, com aquilo “que não se é realmente, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acham que se é” (JUNG, *Obra Completa*, vol. 9/1, §221), caso em que o ego pode perder o contato com seus limites reais e confundi-los com os da persona, estabelecidos a partir de expectativas externas e, portanto, fora de seu domínio, em um movimento de inflação.

7.2.3.2 Michele*: *“A Santíssima Trindade e a construção da própria voz”*

Michele conta que se interessou em participar da pesquisa, pois o tema a fez refletir sobre a sua escolha pelo Direito: “eu sempre tive a ideia como se fosse algo **inato**. Mas, olhando bem, **eu acho que fui meio que guiada a seguir esse caminho**”. Ela cresceu em uma família de classe média, os pais têm diplomas universitários, a mãe “decidiu abrir mão (do trabalho) pra cuidar de mim. Então, **toda renda girava em torno do meu pai. E ainda gira**”. A discussão sobre profissões sempre foi presente em casa: “desde criança, **meus pais sempre falaram que existiam três profissões**, o clássico, que é **Direito, Engenharia e Medicina**. Então, o que chamam da **Santíssima Trindade**”. A expectativa era que as duas filhas se dedicassem aos estudos nas escolas particulares pagas pelos pais e fossem aprovadas em faculdades públicas. A irmã passou em Engenharia na UNESP: “**minha irmã conseguiu cumprir as expectativas do meu pai**”. Michele gostava das matérias de Humanas e, dentro da trindade, se inclinou para o Direito: “quando criança, **eu lembro de glamourizar a questão do juiz e o martelinho, que é bem simbólico em filmes**”. Outro tema presente em casa era o da segurança financeira, não apenas, mas especialmente depois de uma época em que o pai perdeu o emprego e os pais tentaram empreender, abrindo uma loja: “E acabou não dando certo. Eles investiram boa parte das nossas economias, e não só isso. As expectativas deles. **Meu pai colocou tudo o que ele tinha. Não só o financeiro, mas principalmente o emocional**”. Até o ensino fundamental, Michele gostava de estudar. No ensino médio, mudou para uma escola focada em

vestibular. Elogiou muito as duas escolas, mostrou-se grata. Mas, ao mesmo tempo, descreveu o ambiente da nova escola e sua desconexão: “era **um colégio que queria só um perfil de aluno**. E se você não fosse essa pessoa, se você fosse uma pessoa, que nem era o meu caso, **um pouco mais questionadora ou um tanto quanto inquieta**, e não seguisse a regra que eles queriam, **esse lado não era alimentado**. Talvez por isso que eu não me encaixasse muito bem lá”. Michele prestou o vestibular para Direito e não foi aprovada na primeira tentativa, precisou fazer cursinho. Passou então em duas faculdades particulares, tinha preferência pela PUC: “**eu sempre admirei o posicionamento da PUC, toda a história por trás**. Tudo que a PUC representava pra mim, sempre foi meu objetivo (...) uma faculdade que **não teve medo de se posicionar**. Um tanto quanto rebelde. **Acho que sou meio rebelde**. É... não sei. Acho que juntava pra mim o que eu acreditava. E o que eu queria ser. E talvez ser **um lugar onde eu poderia me expressar mais**, né? Que eu não tive antes, assim”. Porém, a escolha da faculdade não cabia a ela, mas aos pais: “fiquei muito feliz (...) quando meus pais decidiam que eu iria para a PUC. Porque **isso também não dependia só de mim**, claramente. **No final das contas, só deles mesmo. O querer ou não... não valia muito**. O que importava é se eles iam decidir que eu iria”. Mantém-se uma pessoa reservada: “prefiro não dividir, porque eles vão se estressar. (...) Então, **pra evitar estresse, conflito, e eles imaginarem coisas que não é o que acontece, eu prefiro poupar**. (...) como **eu sempre fui diferente dos meus pais**, no aspecto geral, quase de tudo, a convivência era um pouco difícil, e eu acho que, na verdade **eu entendi que**, não sei, **ficando mais quieta e retraída, não daria problema**”. Hoje, no ambiente universitário, sente que amadureceu: “eu acho que eu evoluí muito desde o primeiro dia que eu entrei aqui (...) eu **era um pouco mais desligada e hoje sou totalmente outra** (...) Não sei dizer exatamente quais eram os motivos, certas posturas que eu tinha, mas quando eu entrei aqui, meu foco mudou, entendi que **agora eu tinha que tomar as rédeas da minha vida**”. Às vésperas de se graduar, mostra alívio: “Já tô no final da minha faculdade. Acho que quando eu concluir, (o dinheiro) não vai virar mais também um peso” (grifos nossos).

Uma primeira questão interessante que o relato de Michele permite discutir diz respeito ao conceito de símbolo, central no método de análise PSA.

Importante ressaltar que não se pretende com esta discussão afirmar qual seja a significação, para a entrevistada, do elemento específico trazido por ela, o que demandaria um trabalho de aprofundamento, que não foi objeto da entrevista realizada.

Ao contar sobre sua escolha precoce pelo Direito, Michele fez referência à ideia de ser juíza, representada pelo “martelinho, que é bem simbólico em filmes” (sic).

O conceito de símbolo é central na Psicologia Analítica, na medida em que o símbolo é a forma como o inconsciente se manifesta e se expressa na consciência, como algo intrigante e inquietante, atuando como uma ponte através da qual o desconhecido se dá a conhecer. Jung diferenciava símbolo de sinal ou alegoria, por terem estes um significado determinado, indicando algo conhecido (Penna, 2013).

Daí a importância de, em um processo de OP mais aprofundado, buscar esclarecer junto aos orientandos o significado pessoal de imagens que apareçam de forma ostensiva, já que estas imagens podem, na qualidade de símbolo, indicar o caminho de expressão de um conteúdo singular e inconsciente, ou, na qualidade de sinal ou alegoria, ilustrar um significado atribuído pelo coletivo a uma determinada ideia apreendida pelo orientando.

A segunda e principal questão que pode ser discutida a partir do relato de Michele diz respeito à persona. Michele relata que, desde a infância, teve contato com as expectativas do mundo externo acerca do caminho a seguir. Em casa, estas expectativas foram transmitidas ancoradas a uma preocupação com sua subsistência e estabilidade financeira, o que, na leitura de Michele, as legitimou. Na escola, estas expectativas foram reforçadas: Michele contou que, sentindo-se desconectada, teria acesso aos serviços de uma psicóloga na escola, mas “para te **incentivar a estudar mais**, entender **porque você não está estudando**” (sic). Em casa, reconhecia os esforços dos pais, mas sabia-se diferente deles, relatou questões de convivência e de ideologia. Para lidar com as expectativas e evitar conflitos, Michele se adaptou, se fechando, para se preservar. Hoje, às vésperas de se graduar em Direito e, assim, cumprir a maior parte das expectativas que lhe foram colocadas, indica que revê sua história, reconhece os limites entre estas expectativas e seus próprios anseios, e se vê pronta para assumir as rédeas de seu destino.

7.2.4 Reconhecimento do chamado

Bruna e Beatriz*: “Escolha profissional como caminho de reparação”*

Os relatos de Bruna e Beatriz deram conta de uma infância difícil. São gêmeas idênticas, nasceram em uma família muito pobre. Ambas foram criadas desde bebê por uma família de consideração, também pobre, mas, por sorte, muito amorosa. Nas duas famílias, pais com uma vida de pouco estudo e muito trabalho. Sobre a importância do estudo, Beatriz contou que os pais adotivos **“sempre prezaram pelo estudo**. Então era assim, você vai pra escola, você não vai faltar, você vai fazer todas as tarefas. Na adolescência, você vai estudar pra vestibular, vai passar na universidade. (...) Eles eram da roça, leigos, então, **na cabeça deles, era muito fácil passar numa universidade”**. Quanto à escolha profissional, Bruna relatou que **“foi muito difícil ter uma referência**. (...) Não tem como eu dizer assim, caramba, desde criança eu quis ser isso. Porque realmente não tinha, né? **Não tinha ninguém que falasse”**. Aos 12 anos, a família de consideração precisou mudar de cidade e a mãe biológica pediu que elas voltassem para casa. Elas voltaram, mas não havia vínculos afetivos. Um irmão mais velho não aceitou a chegada das duas e passou a violentá-las, física e psicologicamente. Na nova escola, passaram a sofrer *bullying*; na hierarquia dos alunos da escola pública, eram expostas e evitadas por serem “pobretonas”. Se retraíram e, apesar das dificuldades, focaram em ser excelentes alunas. No ensino médio, ambas se tornaram Jovens Aprendiz, escolhendo um estágio no fórum. Bruna foi alocada na vara da infância e juventude. Lá, teve acesso a processos judiciais, envolvendo crianças e adolescentes. Bruna se reconheceu como vítima de violência doméstica e se encantou com o trabalho das psicólogas: **“eu fui percebendo que ali, naquele lugar onde as pessoas sofriam um tipo de violência, elas eram acolhidas por uma pessoa**. (...) Caramba, **como seria bom se eu falasse com uma pessoa que nem ela**. Psicóloga. Porque eu lia muito o processo e, junto com esse processo, vinham os laudos das psicólogas. E eu gostava muito de ler sobre isso”. Sobre os diferentes profissionais capazes de ajudar as vítimas, Bruna contou que **“eu penso como fazer o meu papel social**, de ajudar as pessoas que sofrem violências. E eu lia sobre a psicóloga lá na casinha, conversando com as crianças, eu falava assim, **é ela que está falando, é ela que está me ouvindo**. E não o juiz que vai ler lá o caso, não é o advogado

que vem aqui e fala”. Já Beatriz contou que, também no fórum, ambas passaram a ser humilhadas e excluídas, desta vez pelos funcionários concursados, impacientes com o que viam como despreparo das duas adolescentes: **“e aí eu falei assim: eu vou fazer Direito. Porque é o que vai me dar dinheiro. E ao mesmo tempo que eu vou conseguir dinheiro, eu vou conseguir ajudar quem precisa”**, **“tinha muita hierarquia lá e eu, como estagiária, era a mais baixa de todas. Eu olhei e falei assim: será que para eu ser ouvida ou para ajudar alguém, eu vou ter que estar um pouco mais assim** (indica o alto)? Tanto que eu entrei no Direito querendo ser juíza”. E assim, navegando com as poucas informações e recursos financeiros a que tinham acesso, Bruna e Beatriz concluíram o ensino médio e chegaram à universidade, por meio de programas de bolsas sociais, onde hoje cursam Psicologia e Direito, e continuam construindo bravamente seus caminhos (grifos nossos).

Uma primeira reflexão que os relatos de Beatriz e Bruna oportunizam diz respeito aos fatores implicados na escolha profissional. O fato de serem gêmeas idênticas, que compartilharam as vicissitudes da vida, de forma sempre muito próxima, e, a partir de uma experiência profissional compartilhada (o estágio no fórum), terem feito escolhas profissionais distintas, evidencia que a escolha profissional não se determina unicamente por fatores externos, como ambiente familiar, escolar ou laboral, mas também por elementos subjetivos e singulares de cada indivíduo. Mesmo compartilhando as mesmas condições socioculturais, cada irmã desenvolve interesses, afinidades e modos próprios de interpretar o mundo, revelando que a escolha profissional está profundamente ligada a estruturas e dinâmicas pessoais.

Uma segunda reflexão diz respeito à interrelação entre escolha profissional e desigualdade social. De acordo com um recente estudo (Salata, 2025), a probabilidade de um jovem de classe média ou alta acessar o ensino superior é três vezes maior que a de um jovem de classe pobre no Brasil. Segundo Salata, a diferença de origem social explica esta discrepância, por corresponder à diferença de acesso a recursos econômicos e culturais que influenciam os caminhos que se abrem a estes jovens após a conclusão do ensino médio. As barreiras de acesso dos jovens de classe pobre ao ensino superior se relacionam com a origem social da família em que se inserem, e incluem fatores como nível de escolaridade e perfil da ocupação dos pais, restrição de renda e necessidade de trabalhar. Um ponto interessante deste estudo, que se baseia em uma série histórica de dados, diz respeito à flutuação do comportamento destes dados ao longo do tempo (dados do PNAD/IBGE

de 1992 a 2022). Esta flutuação indica que esta discrepância de acesso não é um cenário dado e consolidado por si mesmo, mas sim um reflexo de políticas públicas adotadas (ou não) no sentido de reduzir desigualdades econômicas entre os estratos sociais e democratizar o acesso ao ensino superior.

Os relatos de Beatriz e Bruna ilustram, de forma muito viva, não apenas a discrepância no acesso a recursos econômicos e culturais, a que a pesquisa de Salata se refere, mas também aos custos emocionais e impactos na constituição subjetiva atrelados a esta discrepância.

Assim, os dados obtidos por meio de seus relatos podem servir como base para análises mais aprofundadas em pesquisas futuras, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre as estruturas e dinâmicas subjetivas implicadas na escolha profissional, explorando a interrelação entre temas como tipos psicológicos, vocação e chamado, bem como sobre os impactos da desigualdade social na constituição subjetiva e na escolha profissional.

7.2.5 Processo de individuação

Natália: “O despertar da consciência”

Natália contou sobre sua primeira escolha profissional e sua carreira na área do Turismo. Uma escolha que se mostrou acertada, pois pôde assim realizar o sonho de conhecer o mundo, já que a família nunca teve recursos. Atuou em grandes agências de viagem, desenvolvendo pacotes turísticos, um trabalho estimulante, que mobilizava sua criatividade. Com o passar do tempo, foi sendo promovida a cargos gerenciais, nos quais passou a lidar com questões burocráticas, que a exauriram: “as pessoas criando grandes problemas, numa viagem de férias, aquilo foi me dando uma gastura. Eu falei, **não tenho mais energia, eu não quero mais lidar com essas pessoas**, não quero mais”. Sentia-se desmotivada e desconectada, mas dependia deste trabalho. Nesta época, um baque na família: a irmã adoeceu, passou 70 dias na UTI, entre a vida e a morte. Natália dormia no hospital, dedicava à irmã o pouco tempo livre que tinha. Em uma troca de turno, escutou as enfermeiras dizendo que o caso da irmã “**é mais do mesmo, não vai nem para um lugar nem para o outro**”. E “nesse dia, nessa hora, eu sinto muita raiva, mas na sequência eu falo: eu vou ser psicóloga e eu vou trabalhar com profissionais de saúde, porque **eu vou entender o que acontece**”.

nesses bastidores, para eles não desumanizarem essas pessoas". Por intuição, Natália montou um álbum de fotos da irmã, mostrou para cada membro da equipe e "aí as pessoas mudavam completamente, e **eu vi a mudança** da maneira que tratavam ela posterior a isso". Natália conta que "ainda era **uma fase** que ela (a irmã) tava muito **entre consciente e inconsciente**" e ao testemunhar a recuperação e alta da irmã "aí eu vejo a Psicologia e **me aposento do Turismo por dentro**". Após o fim da entrevista, Natália se dá conta de que falava não apenas sobre a irmã, mas também sobre ela própria, que 'estava entre o consciente e o inconsciente', os quais, a partir deste episódio, se integraram nesta medida, colocando-a de volta em seu próprio caminho (grifos nossos).

O relato de Natália descreve um ponto de inflexão em sua trajetória, marcado por um sentimento de desconexão em relação à carreira escolhida inicialmente — o Turismo — e por um processo de tomada de consciência, desencadeado a partir de um evento significativo: a experiência de quase morte da irmã. Os cuidados com a irmã a levaram a se reconectar com desejos e anseios pessoais até então obscurecidos, conduzindo-a a uma reavaliação de seu caminho profissional.

Como visto, na perspectiva da Psicologia Analítica, a escolha profissional vai além da adaptação às demandas do mundo externo, como expectativas sociais ou familiares. Trata-se de uma manifestação essencial do processo de individuação — o movimento psíquico por meio do qual o indivíduo busca se aproximar de sua totalidade, integrando aspectos conscientes e inconscientes da psique. A escolha profissional, nesta medida, representa uma expressão genuína das necessidades internas do sujeito, as quais, integradas às demandas do mundo externo, compõem um todo mais autêntico, integrado e dotado de sentido.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos relatos biográficos, a partir de contribuições do referencial teórico da Psicologia Analítica, permitiu compreender a escolha profissional como um processo complexo, que, ao mesmo tempo em que é marcado por conflitos entre demandas do mundo externo e necessidades do mundo interno, oferece uma oportunidade de reconhecimento desta tensão e de integração de seus conteúdos. A escolha profissional revela-se, assim, não apenas como uma decisão prática, mas como um marco simbólico na constituição da identidade e no processo de individuação.

Tomada, via de regra, no final da adolescência — período de transição em que o indivíduo é chamado a assumir responsabilidades e desenhar seu futuro — essa escolha ganha um caráter existencial. Este momento pode ser vivenciado de forma mais ou menos protegida, a depender das condições sociais e da história de vida de cada sujeito, mas sempre mobiliza questões humanas fundamentais, como a subsistência, o pertencimento social, os vínculos familiares e o sentido da realização pessoal.

Em sua obra “Adaptação, Individuação e Coletividade”, Jung discute o processo de adaptação psicológica sob duas perspectivas complementares: a adaptação às exigências externas (condições ambientais e expectativas sociais) e às exigências internas (o mundo inconsciente e suas manifestações simbólicas). O desequilíbrio por negligência de uma destas faces da adaptação, em detrimento da outra, pode comprometer o processo de desenvolvimento psíquico, gerando sintomas neuróticos (Jung, Obras Completas, vol. 18/2, §1084). Um tema interessante para pesquisas futuras seria a relação entre tais desequilíbrios e fenômenos contemporâneos, como o crescente adoecimento psíquico associado às novas configurações do trabalho.

Por fim, o presente estudo contribuiu para ampliar a compreensão da escolha profissional enquanto processo psicológico e simbólico, favorecendo reflexões sobre o papel da psicologia na OP. Há, claro, que se considerar os diferentes objetivos e, conseqüentemente, os diferentes papéis do psicólogo na atuação na clínica ou em processos de OP, mas, em qualquer dos cenários, situar a escolha profissional no contexto das tarefas que se apresentam ao adolescente nesta fase da vida, pode fornecer suportes valiosos para que a OP vá além do aconselhamento técnico e contribua para a construção de trajetórias mais autênticas e dotadas de sentido.

REFERÊNCIAS

ABADE, F.L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 1, p. 15-24, 2005. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902005000100003&script=sci_arttext> Acesso em: 28 out. 2024.

BOCK, S.D. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 9. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

CATTANI, A.D. **Trabalho e tecnologia: dicionário crítico**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FRANKEL, R. **A psique adolescente: perspectivas junguianas e winnicotianas**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

GIMENEZ, P.D. **Adolescência e escolha: um espaço ritual para a escolha profissional através do sandplay e dos sonhos**. 1. ed. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2009.

JUNG, C.G. **Tipos psicológicos**. Obra completa, volume 6. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. Obra completa, volume 8/2. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obra completa, volume 9/1. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião**. Obra Completa, vol. 11/1, 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **Mysterium Coniunctionis**. Obra completa, volume 14/2. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **O espírito na arte e na ciência**. Obra completa, volume 15. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade**. Obra completa, volume 17. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **Adaptação, Individuação e Coletividade**. Obra completa, volume 18/2. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

JUNG, C.G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 33. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.

MELO-SILVA, L. L. *et al.* Um estudo preliminar sobre práticas em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 1-2, p. 21, 2003. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v4n1-2/v4n1-2a04.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PENNA, E.M.D. **Epistemologia e método na obra de C.G. Jung**. 1. ed. São Paulo: Editora EDUC-Fapesp, 2013.

PENNA, E.M.D. **Processamento simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica**. 1. ed. São Paulo: Editora EDUC-Fapesp, 2014.

RIBEIRO, M.A.; UVALDO, M.C.C. Frank Parsons: trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 8(1), p. 19-31, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902007000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 nov. 2024.

SALATA, A. R.; BRINGHENTI, T. F. DA S.; MIRANDA, A. C. H. DE. Origem Social e Acesso ao Ensino Superior no Brasil entre 1992 e 2022. **Dados**, v. 68, n. 3, p. 1-39, 2025. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/dados/a/xwH8txdN8HCZRvNS3RJ8bYj/?format=pdf>>. Acesso em 01 abr. 2025.

SENAI - SERVIÇO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Disponível em: <https://sp.senai.br/patrono---roberto-mange> Acesso em 16 nov. 2024.

SHARP, D. **Léxico Junguiano**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

SILVA BAPTISTA, M.T.D. A regulamentação da profissão psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. spe, p. 170–191, dez. 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MBTmvHRs7MZCZHBLyrTYX4x/>>. Acesso em: 28 out. 2024

SPACCAQUERCHE, M.E.; FORTIM, I. **Orientação profissional: passo a passo**. 3. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2022.

SPARTA, M. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 1-11, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 out. 2024

WHITMONT, E.C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. 10. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

APÊNDICES

Apêndice 1. Questionário (apresentado por meio do *Google Forms*)

Meu nome é Marise H. Spitzack, sou estudante do 4º ano de Psicologia na PUC/SP e estou fazendo uma pesquisa para o meu TCC. Neste trabalho, procuro entender se e como as trajetórias biográficas e as experiências subjetivas nelas simbolicamente vivenciadas influenciam o processo de escolha profissional.

A pesquisa envolve a resposta a estas 10 perguntas simples, que deve tomar 10 minutos do seu tempo. Através delas, busco identificar alunos que concordem em fazer um relato de sua trajetória no processo de escolha profissional, por meio de uma entrevista.

Seus dados pessoais são **CONFIDENCIAIS** e serão mantidos assim durante todo o processo, inclusive na publicação do trabalho final.

Ao final do questionário, você encontrará uma caixa de comentários, que poderá utilizar caso deseje detalhar ou esclarecer qualquer aspecto de suas respostas.

Obrigada por contribuir na discussão de um tema que entendo tão importante para a nossa comunidade!

1. Sou estudante da PUC/SP

Sim

Não

2. Meu curso de graduação é

Administração de Empresas

Ciências Atuariais / Contábeis

Direito

Economia

Fisioterapia

Fonoaudiologia

Psicologia

Relações Internacionais

Serviço Social

Outro

3. Atualmente (2º semestre de 2024), estou cursando o:

1º ano

2º ano

3º ano

4º ano

5º ano

4. Cursei o Ensino Médio em escola

Particular

Pública

Parte em escola particular, parte em escola pública

5. Na escola particular, fui estudante

Pagante

Bolsista

6. Durante o Ensino Médio, participei de atividades relacionadas à escolha profissional (ex.: orientação vocacional, orientação profissional, projeto de vida)

Sim

Não

7. Hoje, na Universidade, sou aluno

Pagante

Bolsista parcial

Bolsista integral

8. (Se bolsista) A minha bolsa é

ProUni

FUNDASP

Mérito Acadêmico

Não sou bolsista, mas utilizo financiamento do FIES

Não sou bolsista, mas utilizo outra forma de financiamento (ex.: Crédito Universitário Bradesco)

9. Acho importante discutirmos este tema na Universidade! Topo dar uma entrevista sobre o meu processo de escolha profissional (um encontro, com duração estimada de 2 horas; meus dados pessoais serão mantidos em confidencialidade, inclusive na publicação do trabalho):

Sim

Não

10. Se sim, meus dados de contato são

Celular

E-mail

Gostaria de deixar o seguinte comentário:

Apêndice 2 – Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Relações familiares

- Composição da família
- Grau de escolaridade e profissão dos pais
- Expectativas dos pais em relação ao futuro do entrevistado (profissional e geral)
- “Mitos familiares” sobre o tema estudo, profissão e sua relação com o futuro
- Experiências de pertencimento ou de não pertencimento
- Visões positivas ou negativas de familiares sobre o entrevistado e reações deste a estas visões

2. Relações no ambiente escolar

- Trajetória na Educação Básica (Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio)
- Facilidades e dificuldades enfrentadas
- Universidade como um caminho óbvio/esperado ou como exploração de um novo caminho
- Colegas e professores que estimularam (ou não) a estudar e entrar na Universidade
- Presença e/ou convivência com pessoas de outras classes sociais
- Registros desta presença e/ou convivência com pessoas de outras classes sociais
- Visões positivas ou negativas que colegas (ou outros na escola) sobre o entrevistado e reações deste a estas visões

3. Outras relações sociais

- Amigos ou outras pessoas de referência para a escolha profissional
- Expectativas destes em relação ao futuro, próprio e do entrevistado (profissional e geral)
- Experiências de pertencimento ou de não pertencimento

4. Escolha da profissão

- Como foi o processo de escolha
- Fatores que orientaram a escolha
- O que espera da profissão escolhida (projeções)
- O que teme na profissão escolhida

- Atributos pessoais do entrevistado que favoreceram a escolha desta profissão
- Atributos pessoais do entrevistado que desestimularam outras escolhas

5. Relações no ambiente universitário

- Chegada (familiaridades e estranhamentos)
- Convívio
- Formação de redes

Apêndice 3 – TCLE – Versão questionário online

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa **“Trajetória biográfica e escolha profissional: um olhar da psicologia analítica”** que terá como pesquisadora a aluna **Marise Hosomi Spitzack**, RG nº 19.811.531 e como pesquisadora responsável a **Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai**, RG nº 5.209.591-5.

Pretende-se por meio desta pesquisa compreender como as trajetórias biográficas e as experiências subjetivas nelas simbolicamente vivenciadas influenciam o processo de escolha profissional, à luz do referencial teórico da Psicologia Analítica. Por objetivos específicos pretende-se investigar como eventos significativos da biografia individual contribuem para a construção das projeções profissionais e, conseqüentemente, para a escolha de carreira; e analisar aspectos selecionados dos relatos biográficos sob a ótica dos conceitos da Psicologia Analítica, buscando assim compreender o sentido simbólico da escolha profissional. A hipótese primária deste estudo é verificar que as experiências subjetivas simbolicamente vivenciadas ao longo da trajetória de vida influenciam o processo de escolha profissional.

Sua forma de participação é através do preenchimento de um questionário *on line* contendo questões acerca da sua trajetória escolar até a chegada à Universidade, o qual não deverá levar mais do que 10 minutos para ser respondido.

Sua participação é voluntária e seus resultados possibilitarão maior compreensão do eventual impacto de experiências individuais de desigualdades sociais significantes sobre a autoimagem do indivíduo e suas relações com terceiros e, conseqüentemente, sobre suas escolhas profissionais.

Não há riscos em participar dessa pesquisa a não ser um eventual desconforto em responder algumas questões que possam lhe causar certo constrangimento. Em caso de desconforto, será oferecido suporte de acolhimento e, se necessário, de encaminhamento para suporte junto à Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic ou junto à PROCRC.

Você poderá se recusar a responder quaisquer perguntas que a(o) incomode, ou mesmo retirar seu consentimento em qualquer momento, mesmo que a pesquisa já tenha iniciado, sem lhe causar nenhum prejuízo.

Seu anonimato será garantido, assim como o sigilo das suas informações. É importante que saiba que não terá nenhuma despesa nem mesmo compensação financeira relacionada a sua participação nesta pesquisa.

Você terá acesso às pesquisadoras para esclarecimento de eventuais dúvidas a qualquer momento, as quais podem ser encontradas nos endereços:

Marise Hosomi Spitzack

Celular: (11) 963905118

Email: mhspitzack@gmail.com

Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai

Celular: (11) 996876407

Email: mgattai@pucsp.br

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-PUC/SP) localizado no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969, Perdizes, São Paulo, SP, CEP 05015-001, Tel/Fax (11) 36708466, e-mail: cometica@pucsp.br.

Se acredita ter sido suficientemente esclarecida(o) a respeito das informações que leu sobre a pesquisa **“Trajetória biográfica e escolha profissional - um olhar da Psicologia Analítica”**, estando claros para você quais são os propósitos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas, e se concorda de livre e espontânea vontade em participar, como voluntária(o), favor clicar abaixo na opção **“Concordo”**, indicando o seu consentimento em participar deste estudo ou, caso não queira participar, clicando em **“Não Concordo”** que será dado o encerramento automático da sua participação.

Concordo

Não Concordo

Apêndice 4 – TCLE – Versão entrevista

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa **“Trajetória biográfica e escolha profissional: um olhar da psicologia analítica”** que terá como pesquisadora a aluna **Marise Hosomi Spitzeck**, RG nº 19.811.531 e como pesquisadora responsável a **Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai**, RG nº 5.209.591-5.

Pretende-se por meio desta pesquisa compreender como as trajetórias biográficas e as experiências subjetivas nelas simbolicamente vivenciadas influenciam o processo de escolha profissional, à luz do referencial teórico da Psicologia Analítica. Por objetivos específicos pretende-se investigar como eventos significativos da biografia individual contribuem para a construção das projeções profissionais e, conseqüentemente, para a escolha de carreira; e analisar aspectos selecionados dos relatos biográficos sob a ótica dos conceitos da Psicologia Analítica, buscando assim compreender o sentido simbólico da escolha profissional. A hipótese primária deste estudo é verificar que as experiências subjetivas simbolicamente vivenciadas ao longo da trajetória de vida influenciam o processo de escolha profissional.

Sua forma de participação é através de uma entrevista semiestruturada acerca da sua trajetória escolar até a chegada à Universidade, o qual não deverá levar mais do que 1 hora.

Sua participação é voluntária e seus resultados possibilitarão maior compreensão do eventual impacto de experiências individuais de desigualdades sociais significantes sobre a autoimagem do indivíduo e suas relações com terceiros e, conseqüentemente, sobre suas escolhas profissionais.

Não há riscos em participar dessa pesquisa a não ser um eventual desconforto em responder algumas perguntas que possam lhe causar certo constrangimento. Você pode se recusar a responder quaisquer perguntas que a(o) incomode, ou mesmo retirar seu consentimento em qualquer momento, mesmo que a pesquisa já tenha iniciado, sem lhe causar nenhum prejuízo. Em caso de desconforto, será oferecido suporte de acolhimento e, se necessário, de encaminhamento para suporte junto à Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic ou junto à PROCRC.

Seu anonimato será garantido, assim como o sigilo das suas informações. É importante que saiba que não terá nenhuma despesa nem mesmo compensação financeira relacionada a sua participação nesta pesquisa.

Você terá acesso às pesquisadoras para esclarecimento de eventuais dúvidas a qualquer momento, as quais podem ser encontradas nos endereços:

Marise Hosomi Spitzack

Celular: (11) 963905118

Email: mhspitzack@gmail.com

Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai

Celular: (11) 996876407

Email: mgattai@pucsp.br

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-PUC/SP) localizado no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969, Perdizes, São Paulo, SP, CEP 05015-001, Tel/Fax (11) 36708466, e-mail: cometica@pucsp.br.

Se acredita ter sido suficientemente esclarecida(o) a respeito das informações que recebeu verbalmente sobre a pesquisa **“Trajetória biográfica e escolha profissional - um olhar da Psicologia Analítica”**, entendendo todos os termos acima expostos, que voluntariamente aceita participar deste estudo e se recebeu uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal, rubricada em todas as páginas, solicitamos que date e assine esse documento.

Local e Data: _____

Participante da pesquisa/Responsável legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa **"Trajetória biográfica e escolha profissional - um olhar da Psicologia Analítica"**, eu, Marise Hosomi Spitzack, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Pesquisadora

Apêndice 5 – Resumo dos relatos biográficos

1. Natália*, 45 anos, turismóloga, hoje estudante de Psicologia

Cresci em uma família simples e amorosa. Meus pais tem baixa escolaridade, mas têm “repertório de vida”. A referência de trabalho em casa era a de “mão de obra”. Meus pais me transmitiram uma noção vaga de que estudar era importante, mas nunca me fizeram cobranças sobre o futuro profissional.

Desde criança, sou curiosa, tenho sede de ver o mundo. Eu olhava para o portão de casa e sabia que do outro lado tinha algo fantástico. Meu pai “me dava voz”, mas minha mãe era muito temerosa, esperava que eu tivesse a sorte de me casar, ter filhos e cuidar de casa. Entendi que através dos estudos eu poderia buscar o que eu queria, no caso, ser “o oposto da minha mãe”.

Cursei o ensino infantil e o fundamental em escola pública, minha mãe selecionou bem, com medo das más companhias. Só ao chegar no ensino médio me dei conta de que havia mais possibilidades: ensino técnico, curso universitário. Descobri que estava defasada e pedi para estudar em uma escola particular, pedido atendido pelos meus pais, com grande sacrifício.

Ao chegar na escola particular, peguei as apostilas e senti que “tinha ouro nas mãos”. E veio o choque de classes: descobri que o mundo era capitalista e eu proletária. A atitude dos alunos e o ambiente de descaso me chocaram, “me senti uma formiga”. Eu, que era muito extrovertida, me tornei introvertida. Pedi para voltar para a escola pública.

No final do ensino médio, comecei a trabalhar com telemarketing. Desempenhei bem, fui promovida. Gostei de ser independente. Com o tempo, me dei conta de que, para continuar subindo, precisaria de um diploma. Mas uma leve depressão se instalou, estudar o quê?

“Turismo”, sugeriu meu namorado da época, já que eu queria viajar. E, de fato, a faculdade de Turismo me abriu os horizontes. Atuando na área, conheci o mundo, realizei muitos sonhos. A minha coragem voltou. Fui feliz por anos, até que o trabalho criativo deu lugar à lida com problemas burocráticos e me sentia esvaziada.

Nesta época, um baque na minha família: minha irmã adoeceu, ficou entre a vida e a morte, um período longo de internação. Eu trabalhava, mas fiquei ao seu lado no hospital, 8 horas por dia. Quando a condição dela piorou, senti que não enxergavam mais minha irmã como uma pessoa, mas

só como um corpo doente. Em uma reação visceral, decidi que eu precisava mudar essa situação. Intuitivamente, fiz um álbum de fotos e mostrava às enfermeiras e médicos que vinham cuidar dela: “estão vendo essa mulher feliz? Essa é a minha irmã, é dela que vocês estão cuidando”. O clima na UTI mudou. Minha irmã recuperou a saúde, lentamente. E me dei conta de que esse era o tipo de problema que eu queria resolver: cuidar das pessoas. Naquele quarto de hospital, não foi só a minha irmã que saiu de um estado de inconsciência, eu saí junto. Tomei consciência de que meu caminho era esse. Um caminho sem volta. Decidi estudar Psicologia, já estou no 5º ano. E a escolha fez sentido.”

2. Humberto*, 22 anos, estudante de Psicologia

“Minha família tem uma boa condição financeira. Meus pais fizeram faculdade, minha mãe foi bolsista na escola, ascenderam socialmente trabalhando muito. Era tanta dedicação ao trabalho que uma tia da minha mãe veio morar em casa, para ajudar a cuidar de mim. Meu pai viajava muito, isso contribuiu inclusive no divórcio deles, eu tinha uns 10 anos.

Pelo exemplo deles, eu sempre soube da importância dos estudos e do trabalho. E também da do dinheiro, “uma forma de se obter liberdade de se fazer as coisas”, uma proteção contra fantasmas, como adoecer e não poder pagar um bom tratamento.

Sempre estudei em escola particular, no caso, uma bilíngue, muito exigente. Participei da escolha da escola, lembro que “tinha muitas fontes com água e peixinhos”, adorei o ambiente. Eu sempre fui um excelente aluno, era não só o melhor da sala, mas cheguei a ser o melhor da escola toda. Bastava prestar atenção nas aulas, eu não fazia grandes esforços. Mas eu sentia que tinha essa pressão, de se manter no topo dos rankings, de arrasar no vestibular, de estudar no exterior. Eu era o “geniozinho da família”, faziam uma identificação com o meu pai, que era muito “crânio”, e com um tio que ficou em 1º lugar na FUVEST. Fiz testes de QI, resultados altos pra caramba, tudo acima da média.

Eu sou muito caseiro, família, gosto do Brasil, “da sensação de estar falando a minha língua”, apesar de ser fluente em outras. Então nunca quis estudar fora. Mas tinha pressão, da família e da

escola. Fiz um intercâmbio de um mês na Alemanha, um estágio profissional, fui bem, mas “para mim é aqui, eu estou bem aqui”.

No fim do ensino fundamental, eu falei para os meus pais que não queria mais estudar, “já cumpri minha missão”. Claro que a resposta foi não. Continuei na mesma escola no ensino médio, mas não tinha energia para nada, entrei em um processo depressivo, não via sentido nenhum naquilo, pensei até em suicídio, isso me impactou, “quem passou por isso nunca mais é o mesmo”.

Por um tempo, entrei numa lógica de não fazer nada, ou de fazer o mínimo. Eu tinha uns 15 anos, boleei o “plano da vagabundagem”: já que eu não me interessava por nada, mas podia contar com o apoio material dos meus pais, eu ia não fazer absolutamente nada, até que a disposição deles para me sustentar acabasse. Depois disso, pensava, nas fases mais agudas, em suicídio, já que nada fazia sentido, ou nas fases mais brandas, em bolar algum plano de última hora para ver o que eu ia fazer.

Foi uma fase difícil, fiz terapia. Na escola, me juntei com uns amigos e tentamos criar um projeto de saúde mental. Queria também ajudar minha namorada da época, que também enfrentava problemas. Mas a escola não deu suporte, não foi para a frente.

No ensino médio, fiz curso técnico de Comercio Exterior, “meu pai sempre quis que eu fizesse Administração, minha mãe sempre quis que eu fizesse Direito, então nisso, o Comércio Exterior juntava os dois”. Mas vi que não era para mim. “O que fez me desinteressar foi ver a relação dos meus pais com o trabalho”, “cresce, cresce, cresce, precisa estar lá, mostrando serviço”, “eu virei um antagonismo ao trabalho, na minha vida”.

A partir do 2º ano do ensino médio, tive orientação vocacional. Olhava tudo e não me interessava por nada. Se eu falava de uma carreira sem faculdade ou de equilíbrio entre vida pessoal e profissional, davam uma desconversada. O teste vocacional deu Filosofia, eu gostava. Mas Filosofia é complicado, não tem mercado, não dá dinheiro. Por exclusão, cheguei em Psicologia. Já que eu não tinha certeza, pensei, “vou me dar mal, mas pelo menos para ajudar alguém a ficar bem”.

Na faculdade, chegou uma hora em que não via sentido em estar ali. O que me segurou foi o vôlei, eu criei o time masculino de vôlei da Psicologia da PUC, era diretor da Atlética. No 4º ano, tive contato com a Psicologia Organizacional. Foi a 1ª vez que alguma coisa fez meus olhos brilharem, em muito tempo, fiquei até com medo de me empolgar e depois me frustrar. Pensei que

dá para fazer algo legal, ressignificar o trabalho dos meus pais, fazer da empresa maligna, que vai sugar a alma, um lugar mais saudável. “Estou animado e estou com medo de estar animado, porque eu nunca vivenciei isso antes. Mas, ao mesmo tempo eu estou otimista”.

3. Beatriz*, 22 anos, estudante de Psicologia (irmã gêmea de Bruna)

Minha história de vida é difícil, pode ser bem sensível falar da minha infância... Venho de uma família muito pobre, meus pais já tinham 3 filhos quando nascemos eu e minha irmã gêmea, nós duas sempre fomos muito próximas. Quando éramos bebês de 6 meses, nós duas passamos a ser criadas por uma família de consideração, eles foram muito bons e amorosos com a gente. Víamos nossos pais biológicos de vez em quando. Aos 12 anos, nossos pais de criação precisaram se mudar para o Paraná, pediram para nos levar com eles, mas meus pais biológicos decidiram que íamos voltar para a casa deles. Chegamos lá e tudo mudou, um irmão não aceitou nossa chegada, nos achava mimadas, protegidas, era bastante violento.

Eles tinham pouco estudo, faziam trabalhos simples. Meu pai biológico era segurança, trabalhava em dois empregos, minha mãe trabalhava em casa de família. Meus pais de criação eram caseiros, faziam bicos. Então não tinha ninguém que falasse de carreira, do que eu queria ser.

Estudamos na escola pública, éramos boas alunas, nossos pais de criação diziam que era importante continuar estudando, que eles iam pagar nossa faculdade, mas acho que eles não tinham noção de quanto custava e de que eles não teriam condições financeiras.

Na escola não tinha nada de OP. Lembro de um dia uma professora pedir para a gente colar na cartolina imagens do que a gente gostaria de ser. Eu sem ideia nenhuma. Coloquei Engenharia, mas acho que a ideia era mais de Arquitetura, porque eu via meus pais de criação fazendo bicos de construção, então acho que eu transferi.

Sempre faltou dinheiro para tudo, eu não podia depender financeiramente dos meus pais, então comecei a trabalhar, fazia trabalhos de escola, tentei ser babá. Em casa era muito difícil, meu irmão era violento, não deixava a gente comer a comida da casa. Na escola também, sofremos bullying, por sermos “pobretonas”, por comer a comida da escola. Mas não falávamos nada para

ninguém, para evitar mais humilhação. Chegamos ao ponto de passar fome, porque não comíamos nem em casa, nem na escola.

Eu me mascarava. Na escola era a garota inteligente, nunca demonstrava nada, nenhum tipo de emoção. Em casa era a filha perfeita, estudiosa.

Tenho fama de chorona, mas era o início de uma depressão. Minha irmã e eu passamos por situações parecidas, mas eu apaguei algumas lembranças, é ela que me lembra. Tipo, de ser agredida fisicamente pelo meu irmão, e ela reagir para me defender, apaguei isso. “Porque era muito assustador. Eu era uma pessoa bem magra. Ele é um homem. Uma coisa, meio, um monstro, uma monstruosidade. Uma sombra muito grande, assim, em cima de mim”.

No ensino médio, comecei a trabalhar como Jovem Aprendiz. O trabalho era no fórum, na vara da infância e juventude. E eu comecei a ver os processos, vi aquelas crianças que tinham sido vítimas de violência e que tinham recebido um acolhimento. E pensei: “caramba, como seria bom se eu falasse com uma pessoa que nem ela, sabe? (...) junto com esse processo, vinham os laudos das psicólogas. E eu gostava muito de ler sobre isso”. Eu pensava que essa pessoa ia lidar com o meu sofrimento, tanto que eu entrei na PUC com uma visão muito de psicólogo salvador.

E eu penso como fazer o meu papel social, de ajudar as pessoas que sofrem violências, eu lia sobre a psicóloga lá na casinha, conversando com as crianças, eu falava assim, caramba, é ela que está falando, é ela que está me ouvindo. E não o juiz que vai ler lá o caso, não é o advogado que vem aqui e fala.

Fiz o ENEM, não entendi muito bem o SISU, mas com o pouco de informação que eu tinha, fui pesquisando e consegui começar Psicologia como bolsista numa faculdade particular ruim, depois consegui entrar na PUC. Aqui, pela primeira vez, me abri, fiz amigas, namoro, faço estágio em RH. Eu digo que, antes disso, não passei pela puberdade, a vida não me permitiu viver esse momento.

E agora eu incentivei a minha mãe a terminar o ensino médio, ela tem 60 anos e hoje ela tem o diploma. É muito orgulho, muita satisfação.

4. Bruna*, 22 anos, estudante de Direito (irmã gêmea de Beatriz)

Eu sou a Bruna, irmã gêmea da Beatriz, que já contou um pouco sobre a nossa história de vida. Passamos por muitas dificuldades juntas, continuamos bem unidas, agora na PUC, ela estudando Psicologia e eu Direito, moramos juntas.

Nossos pais adotivos sempre foram muito amorosos, a gente teve uma infância muito boa. E eles sempre prezaram pelo estudo. Chegamos já alfabetizadas por eles no 1º ano do ensino fundamental. Então era assim: você vai pra escola, não vai faltar, vai fazer todas as tarefas. Na adolescência, vai estudar pra vestibular, vai passar na universidade. Então era como um propósito da vida, ter a universidade. Mas eles não tinham noção de como era difícil ou caro, de que não iam poder pagar.

Depois dos 12 anos, quando voltei para a casa dos meus pais biológicos, sofri muito bullying na escola, por ser pobre, não tinha dinheiro para pagar a passagem, não tinha roupa, sapato. E era muito magra, minha mãe negligenciou muito o papel dela, em nenhum momento da minha adolescência ela esteve presente. Meu irmão mais velho é quem ficava mais em casa, ela deixava os cuidados nas mãos dele. Mas ele era ciumento, a gente apanhava muito, ele nos trancava, não nos deixava comer, uma violência física e psicológica muito grande. Eu tinha muito medo dele. A gente às vezes chorava a noite inteira.

E a minha mãe botava muita pressão: “você não pode errar, porque os seus irmãos já erraram”. “São as únicas que vão me dar orgulho, vão passar na universidade, vai me ajudar no futuro. Então você fica com aquela pressão do tipo, eu não posso errar, eu não posso, porque todo mundo já errou. Depois de um dia difícil na escola, você volta pra casa, pra esse ambiente e tem a exigência de performar pra resgatar essa família inteira.”

Eu me lembro bem de tudo o que eu passei nessa idade. Mas se você conversar com a Beatriz, ela vai falar que não se lembra de quase nada. Eu sempre estive à frente, tentando defender ela, nas brigas com meus irmãos eu sempre me metia no meio. Eu acho que isso foi traumatizante pra ela, por isso ela deve ter esquecido. Eu acho que ela tinha tanto medo dele que apagou da memória.

Eu acho que isso foi uma influência muito grande para eu escolher o Direito. Eu queria Medicina no começo, porque eu queria fazer psiquiatria. Só que eu não tinha dinheiro pra estudar. A cada dia que passava, se tornava um sonho muito longe. Porque eu nunca conseguia alcançar a nota. Era muito frustrante, eu chorava muito e pensava que só quem era da elite podia fazer Medicina.

Comecei a trabalhar no fórum, como Jovem Aprendiz, junto com a Beatriz. O ambiente era horrível, fui muito humilhada. Via que tinha muita hierarquia lá. E eu, como estagiária, era a mais baixa de todas. Tanto que eu entrei no Direito querendo ser juíza. Mas tem muita concorrência no Direito hoje em dia, então sabia que eu tinha que entrar numa boa faculdade.

O ensino na escola pública era muito ruim. Mas eu era boa aluna, fiz as provas e consegui uma bolsa para estudar Direito no Mackenzie. Lá é muito elitizado, só tinha eu e mais uma bolsista na sala e ela não falava comigo. Não tinha nem como participar das conversas com os pagantes, falando de onde tinham estudado, das viagens que tinham feito. Me destaquei bastante no começo, porque eu queria me equiparar de qualquer maneira, eu estudava muito, no 2º semestre mudei para a noite, eu chegava em casa meia noite e estudava no meu beliche.

Acabei saindo do Mackenzie, em grande parte por conta de uma briga entre um primeiro amigo que eu tinha feito lá e aquele meu irmão. Esse amigo parou de falar comigo, me senti mais sozinha ainda, sem saber o que fazer, chorei muito. E na semana seguinte saiu o resultado da PUC e mudei.

Tem uma diferença enorme aqui na PUC, o elitismo é mais disfarçado. Teve um episódio com uma professora, me senti exposta como bolsista, mas não deixei barato, li o regulamento da faculdade e fui tomar satisfações, ela reconheceu o erro e me pediu desculpas, eu falei: “eu só quero ser tratada com respeito, independente de da minha condição social ou independente da sua posição aqui dentro da PUC”.

Quando eu cheguei na PUC, estava com medo de ser rejeitada. Mas eu queria mudar, queria que fosse uma experiência diferente, falar com as pessoas, fazer amigos. Fiquei tão feliz quando aconteceu, eu falava para minha irmã: consegui, falei com duas pessoas hoje! E a primeira vez que eu fui no bar, nossa.... Eu realmente gosto do meu círculo de amizades.

Eu hoje estou sofrendo de burnout. Acho que tem a ver com a pressão com a qual eu sempre tive que lidar. Eu negligenciei muito minha saúde mental. Faço estágio em um escritório de

advocacia, mas está difícil dar conta, conversei com a minha chefe. “Eu fui tão apagada durante toda a minha trajetória de vida que hoje em dia eu odeio chamar atenção. Eu odeio se eu estiver doente, eu acho que é culpa minha. Eu não quero falar se eu estiver com um problema, eu sinto vergonha de falar. Até chorar, eu achava que eu estava fazendo drama. E eu só percebi quando realmente fiquei muito mal, tudo misturado.”

5. Isabel*, iniciou o curso de Relações Internacionais, hoje estudante de Direito

Sou filha única, meus pais são divorciados. Ambos são médicos, se conheceram na faculdade. Toda minha família é acadêmica, minha avó paterna foi professora universitária, ela enunciava o mito familiar: “na nossa família não existe filho menos educado que o pai”.

Então estudar sempre foi algo natural para mim, adoro ler, era aquela criança que lia 100 livros por ano, elogiada pela professora de redação.

Estudei em escola particular no interior de SP, uma escola disciplinadora, tinha até a meia do uniforme, os alunos eram colocados como competidores. Sou de humanas, nunca me atrai pelas biológicas, área dos meus pais. Desde cedo me interessei por história, geografia política. No ensino médio, vivi uma época de polarização política, brigas entre os alunos, eu era do coletivo feminista. Mas tenho um perfil bem diplomático, “eu tinha minha posição, mas só que eu dava bem, assim, com todo mundo”, desde pequena atuei, inclusive como mediadora dos meus pais separados.

A questão de carreira sempre foi muito conversada em casa, especialmente com meu pai. Eu podia escolher, desde que “dentro do socialmente aceitável”. Tipo, ciências sociais não. Uma época eu pensei em estudos literários, meu pai questionou sobre o salário. Eu entendi, porque, sim, temos um bom padrão de vida e a escolha também passa por isso. “Eu teria que selecionar alguma coisa que fosse o mais tradicional possível, mas que ainda se alinhasse um pouco com o que eu queria”.

Meu pai é completamente apaixonado por viajar para o exterior, lugares que não são tradicionais, juntos visitamos Cuba, Rússia, Turquia, Auschwitz. Temos cidadania europeia, ele tem o diploma validado em Portugal, ele acha que o Brasil está falido, então estudar no exterior sempre foi uma questão importante.

E daí eu (com 13, 14 anos) escolhi meio que Relações Internacionais – RI. Imaginava eu representante do Brasil na ONU. Ele falou, “olha RI é diferente, mas dá para a gente seguir”. E ele descobriu a Escola de Diplomacia de Genebra, o centro do mundo para RI e falou “vamos prestar RI”. Fiz as provas internacionais necessárias e passei. “Hoje eu percebo que tem uma influência”. “Uma projeção absurda”.

E fui para Genebra com 17 anos. Meu pai me levou, me ajudou. Senti um desamparo, menor de idade, crua, era difícil jogar o lixo, falar a língua, pedir um café. Poucos meses depois, veio a pandemia, tudo começou a fechar, meu pai falou: “volta”. E eu voltei para o interior de SP, de onde eu queria tanto ter saído para “virar uma pessoa”.

Continuei o curso online, mas algo se perdeu. Tinha grandes professores, mas muito ego, insustentável. Vi que o que mais me interessava era a área de Direito. E falamos sobre eu prestar vestibular para Direito. Continuar no Brasil foi uma grande questão, mas meu pai entendeu. “Fiquei muito deprimida depois. Eu volto pra casa da minha mãe justamente pra ter um pouco desse acalento”. “Na época, foi algo traumático, mas hoje a gente dá risada e tá tudo certo”, idealizei muito.

Passei em Direito na PUC e estou feliz com a decisão, estou estagiando em um escritório de Direito Administrativo, envolve questões de Estado, que me interessam. Tem pessoas da família na área, uma tia ex-desembargadora.

Li muito na época em que eu estava meio deprimida, Guerra e Paz do Tolstói me ajudou muito, tinha esse personagem, o Andrei, ele passa por altos e baixos, mas depois retoma a esperança. Pensei que se funcionou para ele, vai funcionar para mim.

6. Eduardo*, iniciou o curso de Ciências Contábeis, hoje estudante de Psicologia

Eu tive uma criação bem pouco convencional. Perdi meu pai biológico cedo, ele morreu quando eu tinha 2 anos, em um assalto. Nessa época, minha mãe já estava meio que envolvida com meu pai de criação, eles trabalhavam juntos, ele num cargo do governo estadual, ela secretária dele.

Minha mãe, de família pobre, começou a trabalhar com 13 anos, meu pai biológico era meio “vagabundão”, de família espanhola rica, ela já não aguentava mais ele. A família dele não gostava

dela, porque além de brasileira era pobre. No dia do enterro do meu pai, eles queriam que ela assinasse um documento abrindo mão da herança. Isso me mostra a relação deles com dinheiro. Ela falou que para ela não queria nada, mas que não ia abrir mão do que era meu direito como filho.

Meu pai de criação é a figura mais importante da minha vida. Um cara muito inteligente, com muito jogo de cintura, fora da caixa. É essa figura que vai me influenciar nas minhas decisões de estudo e trabalho. Ele vem do interior da Bahia, chega em SP, consegue se formar em Administração na FGV, com um esquema de financiamento. Virou presidente do Centro Acadêmico, na época da ditadura militar, foi preso 3 vezes, na terceira foi torturado.

Saindo da faculdade ele teve uma boa carreira em RH, chegou a diretor de RH de banco grande, viajou o mundo todo.

Mas em 1997, o Mário Covas chama ele para ser presidente da FEBEM. Ele podia seguir no RH, ganharia o que pedisse, mas aflorou o lado político dele. Ele era de direita, mas um liberal com bom senso. Queria fazer da FEBEM um lugar de ressocialização de fato, acreditava na infância e na adolescência, lia Freud.

Ele era questionador, dava a cara a tapa em tudo o que fazia, e esse exemplo me influenciou muito, sigo a vida assim. Para ele, ninguém “tem que” nada, mas você tem que se responsabilizar pelas suas escolhas.

Na adolescência eu era um aluno OK, meu envolvimento era com os coletivos estudantis. Foi uma época complicada, meus pais se separaram e voltaram várias vezes, me colocavam no meio desde criança. Perdi um tio muito querido, que era viciado em drogas, acabou que morreu num acidente de trabalho. Todo mundo já tinha desistido dele, eu não, era adolescente, mas eu falava que ia lá ver ele, morando na rua, não importa; o velório fui eu que organizei. E nessa época ainda teve um episódio pesado, sofri abuso sexual, uma funcionária dentro de casa, impactou muito minha vida.

Meu pai tinha depressão, acabou cometendo suicídio. Eu ia no hospital, conheci o psiquiatra dele, o psicólogo. Eu comecei a trabalhar com 14 anos, era Jovem Aprendiz, fui trabalhar no banco, fazia planilha de excel, “eu entendo hoje que era 50% querendo dar orgulho pro meu pai e 50% não querer estar em casa pra ela ser abusado”.

Quando eu tinha uns 16 anos, minha namorada da época entrou em Psicologia na PUC.

Minha primeira escolha profissional foi Economia, inspirada no meu pai. Mas eu queria fazer na UNICAMP, mais de esquerda, achava a USP muito liberal. No 1º vestibular prestei Geografia, não passei (“um amigo meu do colégio que queria fazer Geografia, eu meio que queria seguir os passos dele, em certa medida”). Fiz cursinho e Orientação Vocacional na USP, uma namorada me levou. Mas eu não estava aberto, eu só queria uma confirmação de que eu devia prestar Economia. Acabei prestando Ciências Sociais na USP, reaflorou meu lado político.

Nessa época, a gente em casa no maior aperto financeiro, minha mãe viúva se endividou. Pensei que Ciências Sociais era uma carreira que não tinha mercado. Me organizei para prestar vestibular de novo, voltei para o plano inicial, Economia. Não passei na UNICAMP (“não dei conta do lado psicológico”), passei na FEA da USP, mas, pela minha pontuação, não para Economia, mas Ciências Contábeis, que nunca é a 1ª opção de ninguém. Comecei a fazer Contábeis, pensando em conseguir uma transferência para Economia em algum momento. Lá fui me envolvendo na militância, no Centro Acadêmico, virei Tesoureiro, mas vi que o curso não tinha nada a ver comigo.

Em 2018, quebrei psicologicamente, depressão. Um amigo se matou, li Memórias do Subsolo, do Dostoiévsky. “Com Dostoiévski eu entendi que Psicologia era muito a minha vibe, entender o funcionamento humano, a cabeça humana, como ela trabalha e os sofrimentos dela”, pensava que se eu pudesse voltar no tempo, eu prestaria Psicologia.

Chegou a pandemia, eu na metade do curso, tava mal, tomando remédio, pensei: “vou ter que dedicar muito tempo pra me formar num bagulho que eu vou odiar, num trampo que eu não quero ter. Tipo, o meu melhor trampo em Contabilidade é RH, e o meu pior trampo em Psicologia é RH”.

E prestei Psicologia, passei na PUC. Fui fugindo de querer ser meu pai no sentido profissional. “Eu já era meu pai no sentido que eu queria. Eu já aprendi socialmente a fazer. Eu aprendi a me responsabilizar. Eu aprendi a atacar. Eu aprendi a estar lá. Eu entendi aquele homem como ninguém nunca entendeu. Um amor visceral”. Depois que eu passei, entrei em contato com a minha irmã, filha do 1º casamento dele. E ela me deu os livros dele, uma coleção de livros do Freud. O círculo se fechou.”

7. Michele*, 22 anos, estudante de Direito

Quando eu vi a sua pesquisa, quis participar, porque eu sempre achei que a minha escolha pelo Direito era meio inata, mas olhando bem... não foi tão assim. “Eu acho que fui meio que guiada a seguir esse caminho, assim.” Meus pais diziam que tinha 3 opções: Direito, Medicina e Engenharia, a Santíssima Trindade.

Venho de uma família de classe média, meu pai estudou TI, minha mãe Letras. Minha irmã seguiu na Engenharia, passou em faculdade pública, “cumpriu as expectativas do meu pai”, e eu no Direito. Eu gostava de humanas, então sempre que o assunto profissão surgia, eles falavam bem da carreira de Direito e eu nunca reneguei isso.

Quando criança, eu glamourizava a ideia de ser juíza, falava “quero martelinho, quero ficar batendo martelinho”. Então cogitei seguir carreira pública, minha família sempre incentivou. Eu fiz estagio no fórum, amei, mas eu sou inquieta, não tenho perfil de seguir a mesma dinâmica pelo resto da minha vida.

No ensino fundamental estudei em uma escola que focava mais no lado humano, eu tinha afinidade. Já no ensino médio, mudei para uma escola com foco 100% em vestibular. Acho que se complementavam bem. No ensino médio, senti uma desconexão com os estudos. A escola queria só um perfil de aluno, eu não me encaixava bem. O que me ajudou a atravessar foi apoio de um professor, de exatas, ele me viu como pessoa, viu que eu não me encaixava. Ele também não se encaixava, era de uma outra época da escola, menos rígida, acho que ele via isso.

Eu tinha meus altos e baixos. E aí teve um caso de suicídio na escola. “E eu acho que esse episódio foi um marco, assim, do que... o colégio passou a se tornar”.

No vestibular a ideia era passar em uma faculdade pública. Mas direto do 3º ano, não passei, nem nas particulares. Fiquei mal, porque era o mínimo esperado. Fiz cursinho e passei no Mackenzie e na PUC. Escolhi a PUC pelo prestígio, pela história, sempre admirei, “uma faculdade que não teve medo de se posicionar. Acho que sou meio rebelde. Então, acho que juntava pra mim o que eu acreditava. E o que eu queria ser. E talvez ser um lugar onde eu poderia me expressar mais, né? Que eu não tive antes, assim.”

Mas a escolha final cabia aos meus pais, tinha dois critérios. O primeiro é a ideologia da universidade, não ser muito permissiva, preocupação de ter drogas, de eu virar comunista. O segundo é que eles é que iam pagar. Meu querer não valia muito. E, no fim, ainda bem que eles concordaram com a minha escolha. Tem coisas que acontecem aqui que eu prefiro nem dividir com eles, com o tempo, eu me fechei muito, assim, pra me preservar.

O assunto dinheiro é tenso em casa. Passamos por instabilidades financeiras, meus pais chegaram a não conseguir pagar a nossa escola, minha irmã se formou com ajuda financeira da minha avó. Meus pais abriram um negócio, “meu pai colocou tudo o que ele tinha; não só o financeiro, mas principalmente o emocional”, mas acabou não dando certo. Depois meu pai se recolocou, mas “a gente tem medo que aconteça de novo”.

Então eu penso no investimento que eles fizeram pagando a escola, a faculdade. E eu comecei a fazer estágio em escritório grande, mesmo sabendo das dificuldades, para dar um valor a isso. E para ter segurança financeira no futuro.